

# PENTAGRAMA

*Revista bimestral do*  
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

*Ano vinte e três - Número 3*

É TARDE DEMAIS PARA  
UM RENASCIMENTO ?

A ENCENAÇÃO  
DO NOVO HOMEM

QUATRO SÉCULOS  
SONHANDO COM O  
HUMANISMO

O NOVO  
HOMEM QUE SE  
APROXIMA

O HOMEM AINDA  
TEM VALOR E  
DIGNIDADE?

O RITMO DOS  
ACONTECIMENTOS  
MUNDIAIS

A ONDA

ANSEIO POR  
UMA SOCIEDADE  
IDEAL

O PROGRAMA  
DA ACADEMIA  
PLATÔNICA DE  
FLORENÇA

A ARTE NO PERÍODO  
DA RENASCENÇA

# PENTAGRAMA

## É TARDE DEMAIS PARA UM REASCIMENTO ?

---

“Uma radiação universal emana do ponto de Luz do universo onde nasceu a vida. Esse ponto é denominado ‘o pensamento de Deus’. Ele é a fonte de Luz que difunde o plano fundamental de todos os mundos. É essa Luz que desce até o interior do pensamento dos homens, desperta o amor em seus corações e os induz a realizarem o plano divino em suas obras.”



### ÍNDICE

- 2 É TARDE DEMAIS PARA UM  
REASCIMENTO ?
- 6 A ENCENAÇÃO DO  
NOVO HOMEM
- 12 QUATRO SÉCULOS  
SONHANDO COM  
O HUMANISMO
- 16 O NOVO HOMEM QUE  
SE APROXIMA
- 19 O HOMEM AINDA TEM  
VALOR E DIGNIDADE?
- 26 O RITMO DOS  
ACONTECIMENTOS  
MUNDIAIS
- 28 A ONDA
- 29 ANSEIO POR UMA  
SOCIEDADE IDEAL
- 34 O PROGRAMA DA  
ACADEMIA PLATÔNICA DE  
FLORENÇA
- 38 A ARTE NO PERÍODO DA  
REASCENÇA

ANO 23  
NÚMERO 3

# É MUITO TARDE PARA UM RENASCIMENTO?

*Uma radiação universal emana do ponto de Luz do universo onde nasceu a vida. Esse ponto é denominado “o pensamento de Deus”. Ele é a fonte de Luz que difunde o plano fundamental de todos os mundos. É essa Luz que desce até o interior do pensamento dos homens, desperta o amor em seus corações e os induz a realizarem o plano divino em suas obras.*

O plano de Deus é um plano de desenvolvimento do qual o homem moderno parece estar mais longe do que nunca. É como se ele tivesse sido apagado de sua consciência. Nele, não há lugar que o homem possa determinar com coordenadas ou vetores, mas ele bem que pode fazê-lo através de seu pensamento. Desde que esse pensamento esteja liberto dos desejos inferiores da personalidade. No foco de sua velha consciência pode então surgir uma consciência gnóstica, uma alma consciente inteiramente nova. A vida é e continua sendo o maior dos mistérios, por mais que a ciência e a biotecnologia pareçam se aproximar das partículas indivisíveis e pareçam sondar os limites do universo insondável. A idéia de que toda a vida nesse imenso universo se limita à terra não é realista para aqueles que ousam e podem se dedicar a uma reflexão global do *universal*.

Como é possível que o homem tenha uma consciência? Para alguns, ela é o produto das funções do corpo, da interdependência dos órgãos - mas

geralmente o paciente sobre a mesa de operações está inconsciente do que se passa dentro dele; quem dorme não tem consciência durante seu sono, no entanto, seus órgãos continuam a funcionar como de costume. Para outros, o homem não tem uma consciência autônoma em sua vida quotidiana, mas ele vive segundo um padrão de reações profundamente gravado dentro dele, e que é diferente conforme as circunstâncias. Assim, a consciência do homem pode ser dividida em vários elementos, mas nenhum deles tem relação com uma consciência que transcenda os limites da personalidade.

## PROVA DE UM COSMO INTACTO

Ser realmente consciente nessa outra realidade, essa realidade superior, é - assim acreditamos - algo completamente diferente. A vida terrestre, quando muito, é uma aproximação temporária, uma caricatura da realidade. A Vida não é o produto de leis terrestres, nem está ligada a elas. Somente aqueles que ousam pensar na Vida podem se aproximar dela, pois a natureza original se revela na ordem de emergência através do mistério da Vida. É assim que ela se faz conhecer na vida terrestre.

A Vida se manifesta para aqueles que descobriram que nada sabem. Sócrates disse que nada saber é o saber supremo “*Summa score, nihil score*”, e isso Cristão Rosacruz também afirmou como seu axioma, quando se tornou cavaleiro da Pedra Áurea. Todo



O grande ponto de interrogação do nosso tempo: Será que o homem nunca se tornará Homem? Ilustração Pentagrama.

aquele que reconhece que nada sabe, que seus conhecimentos humanos não têm nenhuma relação com o verdadeiro conhecimento que está na base da criação universal, alcançará a sabedoria da alma original, que é de Deus. Desse modo, ele afasta toda ilusão e presunção do eu, para deixar prevalecer a sabedoria da alma. Gustav Meyrink escreveu em seu *O Relojoeiro*: “*Nihil scire, omnia posse*” - nada saber, tudo poder.

O renascimento espiritual foi marcado por um sentimento invencível de Vida: tudo poder, livre do orgulho; tudo poder, efetivamente compreender. *O que é necessário está na luz do plano de Deus*. Esta assinatura é reconhecível em todos aqueles que impulsionam a humanidade no caminho do desenvolvimento da Alma. Eles abrem

novos caminhos, inauguram novos desenvolvimentos, mostram novas perspectivas para tirar a humanidade de seu sofrimento. Invariavelmente, eles se harmonizam com o impulso de energia enviado pelo *ponto de Luz*, o Pensar de Deus, e durante toda a sua vida zelam para que outros possam encontrar e experimentar esse novo pensar.

Quem pode provar esse novo pensar? A resposta é: aquele que é impelido pelo poderoso desejo de ser iluminado por essa Luz, e que afasta suas cobiças inferiores para poder provar este novo valor que o inspira: o “Pensar de Deus”. Em geral essas experiências não correspondem aos dogmas religiosos, nem é preciso que sejam místicas. Como pode “Deus” ser espremido no entendimento humano?



## ATAQUE À VIVÊNCIA RELIGIOSA

Todo ser humano, às vezes, se pergunta qual é o sentido de sua vida. Será que há um plano, um caminho predeterminado, pelo qual suas vidas devam se desenvolver? Um plano que talvez seja indemonstrável e indescritível, mas que se imponha continuamente ao ser humano? Algo que em dado momento “está no ar”?

Nos anos sessenta, na Califórnia, havia por toda parte *flower power, love, peace and happiness*. Ao mesmo tempo, na ex-Tchecoslováquia, ocorriam os acontecimentos conhecidos como a Primavera de Praga: uma tentativa de romper o poder comunista. O estudante alemão Rudi Dutschke e o francês Cohn-Bendit (dois atuais parlamentares europeus!) incitavam seus colegas estudantes à contestação radical. Na Holanda, o movimento Provo, causado pelo mesmo vírus da renovação, se erguia contra todos os princípios estabelecidos. Os cartazes desses movimentos traziam em grandes letras: liberdade individual, pensamento livre e não manipulado, e demolição de toda autoridade, mas a maioria dos participantes agia com o cartão de crédito do papai no bolso. No início um pouco ingênuos e cômicos, grande parte desses protestos, em que se misturavam flores e sentimentalismo, terminaram em luxo e liberdade pessoais desavergonhados. Uma tentativa de renascimento? Espiritual ao mesmo tempo que social?

Também a Revolução Francesa foi um início de renascimento de normas e valores. Um novo código foi editado, mas a razão, erguida bem alto nos estandartes, soçobrou num banho de sangue. O século XVII, igualmente,

viu surgirem atitudes e movimentos inovadores que atingiram o ponto mais sensível do ser humano: atacaram sua vida religiosa. Isto, para um puro materialista, é difícil de ser concebido, mas naquele tempo, a religião era a base da sociedade, ela impregnava a todos. Assim, por exemplo, as pessoas “boas” reagiram violentamente quando tiveram conhecimento da filosofia alquímica cristã de Jacob Boehme, e quando João Valentin Andreae propôs aos “sábios da Europa” o novo pensar da Fraternidade Rosacruz.

A redescoberta, no século XV, das tradições espirituais do passado, perdidas ou excluídas, deu novo impulso ao desenvolvimento europeu. Na verdade, a Renascença italiana não trouxe nada de muito novo, porque essas tradições eram sempre mantidas nos mosteiros. Também não foi um retorno para uma imagem mais pura da Antiguidade, ou da Cristandade: o que ocorreu naqueles dias foi uma redescoberta do pensamento universal, da Gnosis e do princípio hermético, elementos que deram asas à Renascença. Com efeito, a Gnosis não é somente conhecimento libertador do coração, mas, acima de tudo, conhecimento intuitivo *do pensar de Deus*. É o ponto de Luz, que deve trazer uma nova primavera para a Europa e deve reaparecer no coração dos homens.

#### DESPONTA O TEMPO DA RENOVAÇÃO INTERIOR

Nesse interminável movimento de ondas, de renovação e esforço por novos ápices, o verdadeiro renascimento - o renascimento interior da

Alma divina - ainda não foi alcançado. Mas ele está se aproximando! Pois desponta o tempo da renovação e da libertação interiores: a colheita de um desenvolvimento tão longo. A Criação aguarda a “manifestação dos filhos de Deus”.

A obra de Mani, nascido em 216 d.C., foi a base para um renascimento espiritual, nos países da Ásia e da Europa central e oriental, mas foi afogada em sangue. Se o Catarismo não tivesse sofrido a mesma sorte, a “primavera” européia certamente teria chegado mais cedo, e talvez teria tido um desenvolvimento mais formoso e mais forte. A Renascença deveria ter trazido o *Uomo Universalis*, o verdadeiro Homem Universal, o *elemento restaurador do microcosmo*. Ele é o homem espiritual que vence a força de sucção da matéria, o homem perfeito, o microcosmo restabelecido, o “ornamento do cosmo” trazido pela luz. Este processo tem início no microcosmo e através dele e se relaciona com o mundo inteiro, pois cada homem é uma célula da grande humanidade na qual não há separatividade. O novo homem, o *Uomo Universalis*, se origina do renascimento da alma no centro do microcosmo, onde Deus o conhece.

É desses processos e seu eco na história universal que os artigos desta Pentagrama tratam.

O Cavaleiro  
condóido, Will  
Bradley, 1895.

A REDAÇÃO.

# A ENCENAÇÃO DO NOVO HOMEM

*O desenvolvimento da humanidade ocorre em grandes e pequenas ondas, e cada uma delas coloca em evidência determinado aspecto. Assim, o impulso espiritual que conduziu à denominada Renascença tinha como finalidade a renovação integral do homem europeu e de seu objetivo de vida.*

redimir. Nessa luta, o homem perde suas novas chances e se detém no caminho para um novo desenvolvimento. Então, por sua atitude egocêntrica, ele destrói a si mesmo e, com tal reação, o microcosmo por ele ocupado fica ainda mais ligado à roda da vida e da morte.

AUMENTO DA VIBRAÇÃO CRIA  
NOVAS POSSIBILIDADES

O Logos atua sobre a humanidade de modo sêtu plo, e a combinação das sete correntes de energia divina altera-se constantemente. Cada nova atividade de radiação compreende uma nova missão para a humanidade, e sempre tem como efeito um desenvolvimento total dos três principais aspectos do homem: cabeça, coração e mãos. Estes três aspectos aprendem a reagir de maneira diferente e uma nova cultura vem a desabrochar. Porém, aquilo que não corresponde aos novos tempos desaparece, normas e valores antigos rapidamente perdem força, e novas possibilidades surgem, e aquele que reage positivamente pode então aproveitá-las. Evidentemente essas novas possibilidades são oferecidas, a princípio, para que o homem se liberte de seu extravio. Elas podem colocá-lo num plano mais elevado e dar-lhe mais espaço para que ele possa compreender o plano divino e em seguida possa se harmonizar com ele. Mas o novo impulso também pode ser recebido com reservas: uma atitude negativa que significa oposição à Luz, que deseja

Cada aumento das vibrações é acompanhado de uma mudança no modo de vida existente, para que, nessas novas condições, o homem possa se harmonizar com elas. Quando se desencadeou a renovação européia no fim da Idade Média, o objetivo da elevação da vibração era estimular o desenvolvimento da personalidade. A mudança de padrão dos sete raios divinos alterou as condições de vida, e mediante a reação dos homens abriu-se a janela do materialismo. O homem europeu foi forçado a abandonar a couraça eclesiástica e a estrutura feudal. Foi-lhe dado o encargo de formar sua personalidade individual, e num primeiro momento, essa personalidade foi confrontada com a matéria. Do ponto de vista histórico, essa foi a passagem da Idade Média para a Idade Moderna.

Despertar para a consciência de si mesmo: essa era a tarefa para se poder sair da Idade Média. A atenção da humanidade foi então fortemente direcionada para a imagem do *Uomo Universalis*, o novo homem. Religião, ciência e arte reagiram com uma mul-



tipicidade de descobertas, formas e imagens, que deviam elevar o homem medieval mentalmente limitado a um nível mais elevado. O novo homem europeu devia ser confrontado com a matéria e com a dualidade da natureza, e aprender a reconhecer o caminho para a natureza divina. Portanto, a compreensão da constituição da matéria devia conduzi-lo à definitiva libertação interior, com a conseqüente transfiguração da personalidade e a imortalidade da alma. Vista historicamente, essa idéia derivou da Antigüidade – principalmente da mitologia, filosofia e tradição gregas. É evidente que a semente do desenvolvimento do indivíduo foi plantada ali, mas os dogmas da Igreja travaram esse desenvolvimento por longo tempo, até que um novo impulso minou essa autoridade e a semente da renovação teve mais espaço para germinar.

A passagem da consciência mitológica para a consciência mental encontra-se na Odisseia, de Homero. Ulisses venceu o mar (aqui o símbolo do domínio sobre o inconsciente) e diz no fim de sua viagem: “*Eu sou Ulisses*”. Até onde se sabe, esta foi a primeira vez na literatura que a forma-eu foi empregada, e nesse contexto, a ilha onde Ulisses aportou pode ser entendida como o símbolo da consciência.

Diz-se que o sábio Zenão (cerca de 490-430 a.C) foi o primeiro a estabelecer o espaço como realidade, em sua filosofia, favorecendo com isso a descoberta da perspectiva na Renascença. Certamente não foi por acaso que este foi o quebra-cabeças mais importante da Renascença italiana, a qual colocou

Platão e seus contemporâneos como tema central de seus interesses; pois, para eles, era de Platão que provinha o impulso para o surgimento da nova era. Mas também foram redescobertos ensinamentos cabalísticos, persas e órficos – porque agora os tempos estavam maduros – com boas perspectivas de desenvolvimento.

#### REALIZAÇÃO DO NOVO HOMEM

Durante e após a Renascença muitos captaram intuitivamente o conceito do novo homem. Esforçaram-se então, seriamente e com grande anelo, no sentido de reagir positivamente à incumbência divina, aproveitando as novas capacidades mentais para aprender o caminho da libertação e segui-lo com autoridade própria. Mas a massa tinha grande dificuldade quanto a isso. Como ainda era muito pouco desenvolvida interiormente, não reconheceu a tarefa. Assim, só pôde utilizar as novas capacidades para si mesma, ou seja, para o fortalecimento e afirmação de sua personalidade. Por causa disso, seguiu-se uma época de materialismo na qual o homem europeu acorren-tou-se à matéria mais firmemente do que nunca, arrastando consigo irmãos de outras culturas. Portanto: nenhuma vitória sobre a matéria, mas sim a exploração da matéria, e por fim o submergir na matéria. Assim, o objetivo foi renegado.

Afinal, o que está sendo feito do novo homem no limiar do terceiro milênio? O que ainda resta desse impulso para o renascimento interior?



## O QUADRO É SUFICIENTEMENTE GRAVE PARA UMA NOVA MATERIALIZAÇÃO

*O fenômeno do aparecimento simultâneo da mesma idéia em diversos lugares, certamente não é novo, o que dá a impressão de que a idéia “está no ar” e pode ser captada por qualquer um que seja sensível a ela. Esse fenômeno também ocorreu na Renascença: foi dessa maneira que os grandes em Espírito dos séculos passados que tinham afinidade espiritual, mesmo estando a centenas de quilômetros de distância uns dos outros, puderam dizer e escrever as mesmas coisas sem jamais terem se encontrado. Simplesmente hauriam do mesmo campo de energia. Muito idealisticamente, isso pode ser geralmente atribuído a elevadas influências “divinas”, entretanto, o mesmo sucede com pintores, músicos, mercadores, criminosos e animais: eles captam uma imagem que vive no subconsciente da humanidade e que, pouco a pouco, se torna tão poderosa que reclama por “materialização”. Tendências culturais, modismos e correntes artísticas surgem dessa forma, pois até seus “inspiradores” seguem tendências. Eles simplesmente estão abertos para o novo impulso.*

## O CAMINHO DE TREVAS

Quem não reconhece novas possibilidades percorre um caminho de trevas, pois onde o novo entendimento não vence, ocorre o encapsulamento da consciência. O reconhecimento do plano original e o vir-a-ser consciente do novo homem perdem-se no cotidiano e no aburguesamento do eu que não compreende. O resultado é – e a história se repete — a perda da força motriz e, por fim, a cristalização.

A onda, antes tão poderosa, desmancha-se em um redemoinho no qual a consciência pode ficar girando por muito tempo. Uma nova combinação dos raios é então necessária para quebrar essa petrificação, e é num momento como esse – de mudança na atividade conjunta dos raios – que a humanidade se encontra agora. Mas será que isso não é uma afirmação insensata? Pois o mundo não está em pleno movimento? Os políticos estão extremamente tensos e engordam os jornais com suas atividades.

Mas, tentativas de renovação não significam nada. Podemos fervilhar de atividades e, mesmo assim, não chegar nem perto do caminho do desenvolvimento espiritual. Logo no início da Renascença também se observou a reação negativa de personalidades não-despertadas, como a projeção de uma sombra que surge no momento em que a luz começa a brilhar. A descoberta do espaço externo era algo novo, uma resposta ao chamado para o reconhecimento do espaço interno: a (re)descoberta da América, por exemplo, ampliou o campo de visão. Além

disso, o indivíduo tornou-se importante, e começou, por exemplo, a escrever diários e a assinar obras de arte.

#### COMEDIDO E DESMEDIDO

Com a descoberta do espaço, dentro e ao redor do homem, surgiu também o desejo premente de conquistá-lo. Algumas vezes, isso foi acompanhado de precaução e sutileza; outras vezes, de exagero e violência. A impressão que temos é que a humanidade da época era grandiosa, colorida, imponente. A humanidade buscava a felicidade pessoal, e, na embriaguês desse egocentrismo, a vida pessoal era a encarnação de um projeto, e o mundo era um cenário. A tentativa de escapar da restrição do espaço e da estreiteza da existência através do prazer e do êxtase também determinou muitas formas modernas de cultura. O homem se esforça por espaço, liberdade e felicidade pessoais para se assegurar por todos os lados: ganhar muito, comprar bastante, garantir tudo e percorrer o mundo todo.

Porém, do ponto de vista da evolução do homem espiritual — o microcosmo — isso deixa muito a desejar. A procura permanente por prazer sufoca a voz do princípio espiritual no ser. Quanto mais nos dedicamos a esse processo, mais se desvanece a lembrança do novo homem. Em seu lugar surge uma imitação, e então essa imagem é projetada sobre o mundo exterior. este sou eu! Nessa encenação distorcida, o novo homem é sempre jovem, bonito, rico, dinâmico, está sem-

pre à procura de experiências, e talvez até se interesse por esoterismo. Mas, como portador da imagem de Deus, ele se transforma num adorador de sua própria imagem divinizada.

#### A ENCENAÇÃO DO VERDADEIRO NOVO HOMEM

Muitos se esforçam ao máximo para realizarem o ideal do novo homem, e para isso, o comércio dá regras de sobra: ora isso, ora aquilo é oferecido para todos; todos com a mesma estampa na camiseta, todos com o mesmo sapato. A sua aparência revela quem você é. Todo tipo de evento só serve para manter o buscador ainda inconsciente ocupado em enfeitar sua imagem. Gerhard Schulze, professor de pesquisa experimental em Ciências Sociais da Universidade de Bamberg, escreve em seu livro *Die Kulissen des Glücks* (Os bastidores da felicidade):

*“Nas circunstâncias criadas principalmente para servir ao desejo experimental, as pessoas são sempre confrontadas com elas mesmas. Por suas escolhas, elas afirmam o que são, ou crêem ser. Esse programa, com o qual o homem se envolve com o mundo, desemboca no círculo vicioso: ‘Eu quero porque eu quero’. Em lugar da semente espiritual interior plantada por Deus, é aplicado o modelo de um esquema pessoal único. Ora, este modelo é como um deus que envia seus comandos interiores com frequência, para serem seguidos incondicionalmente.”*

Com relação a isto também podemos falar de “autismo de eventos”.





Autismo é uma doença psíquica que leva a um isolamento total da personalidade. E Schulze continua: “*Os eventos só têm fim em si mesmos, e seus participantes têm apenas a si mesmos como ponto de referência. Tudo não passa de tempero. Estabelece-se uma imitação da realidade, determinada pela opinião uniforme implícita em todos os participantes, e inclusive do público em geral, de que ‘tudo é real’.*”

Os atores faz-de-conta que se divertem nessa cultura de eventos tomam as cenas desse teatro como realidade da vida. Eles só se interessam em saber se o mundo tem algo prazeroso para lhes oferecer. A questão sobre uma outra realidade, mais elevada, continua muda e permanece no vazio e na desolação. Até mesmo o último “evento” – a morte – é objeto de encenação. Essa conduta provoca muito sofrimento e tristeza, sobretudo em jovens e crianças.

Hoje, que a era de Peixes dá lugar à de Aquário, a personalidade atingiu o limite de suas possibilidades. A evolução que se iniciou com o impulso da Renascença chega agora a seu fim.

tatis R.C. (*O Testemunho da Fraternidade da Rosacruz*). O aspecto “mistério” dos planetas Urano, Netuno e Plutão acompanha a humanidade no cumprimento de sua nova missão: libertar a alma da matéria. Por isso fala-se em desmaterialização: a matéria deve perder seu domínio sobre a alma.

Também agora, há a escolha entre o positivo e o negativo: movimentar-se com o novo impulso ou contra ele. Com a primeira reação, o microcosmo danificado pode ser restaurado. Com a segunda, virtudes e qualidades adquiridas desaparecem e perdem seu valor. Qual será nossa escolha desta vez? A que vamos nos religar: à matéria ou ao espírito divino? Será que ainda há em nós algo da imagem primordial do novo homem? Se ainda houver uma única lembrança, como um apelo que ainda ressoa em nossos corações, não será difícil fazer a escolha certa. Aquele que ouvir esse chamado e lhe der espaço aprenderá a compreendê-lo. Quem agarrar a nova chance vencerá a resistência do eu. O caminho que conduz do pessoal para o divino se abrirá para ele.

O jovem pássaro de fogo sai do ovo no ninho em chamas. Ilustração Pentagrama.

## NOVO DESENVOLVIMENTO SEM O EU

No início do século vinte deu-se um novo impulso. Foi empreendida uma nova tentativa de colocar no caminho aqueles que experimentaram os limites de seu eu: o caminho da libertação da alma imortal pelo recuo e desaparecimento do eu. Os Rosacruzes clássicos já anunciaram esse novo impulso em seu *Confessio Fraterni-*

<sup>1</sup> Gerhard Schulze: *Kulissen des Glücks. Streizüge durch die Eventkultur*. Campus, Frankfurt

# QUATRO SÉCULOS SONHANDO COM O HUMANISMO

*Por que sempre de novo o homem tem que reinventar a roda?*

*A todo instante, a Luz oferece novas possibilidades para encontrar o verdadeiro caminho interior ao homem errante. Como uma pedra que é atirada na água e forma ondas concêntricas, que se estendem ao infinito, reverberam, se sobrepõem e se amplificam ou se atenuam. Tais ondas vêm do passado sobre a humanidade moderna e a mantém em movimento. O Humanismo é uma dessas reações a um impulso de renovação que se manifestou na civilização da Grécia antiga.*

Em 1949, logo após a Segunda Guerra mundial, colocou-se a questão se o humanismo moderno seria realmente humano. O pensamento humanista colocava o homem no ponto central da vida, e a expressão latina “humanitas” significa humanidade enquanto qualidade. O orador e político Cícero (106-43 a.C.) traduziu para o latim muitos textos gregos que tinham o humanismo como tema, estabelecendo assim as bases para um novo desenvolvimento. Foi ele quem utilizou o termo “humanitas” para mostrar o necessário desenvolvimento ético e cultural das capacidades humanas, e a forma perfeita que é associada a elas. Mas o resultado disso foi um estilo de vida que já não era mais centralizado em um objetivo espiritual, como entre os gregos, pois os romanos visavam às satisfações e prazeres materiais. Assim, eles horizontalizaram o impulso humanista a ponto de fazerem dele um instrumento do Estado para sujeitar o povo, mediante força, pão e diversão.

No início do período denominado

Renascença, foi feita uma nova tentativa para possibilitar ao homem encontrar sua humanidade e sua dignidade verdadeiras. Num primeiro momento, as idéias de Aristóteles predominavam, e aqueles que as rejeitavam e a elas se opunham acabavam sua vida nas fogueiras da Igreja, que temia perder sua posição. Pelo que se sabe, Petrarca (1304-1374) foi um dos primeiros que se atreveu a fazer isso, reabilitando Platão junto aos inúmeros pensadores da Europa através de suas palavras e de suas obras. Ele revivificou muitas fontes, alargando assim os horizontes dos pesquisadores europeus. Formulou seus conceitos paralelamente aos dos teólogos, sem entretanto querer fazê-los mudar. Foi um humanista autêntico, profundamente enraizado no cristianismo, e



Erasmus em roupas de viagem.



sua imagem do homem procedia da imagem do cristianismo original. Os humanistas colocavam o homem no centro de sua relação com Deus, e consideravam o indivíduo pessoalmente responsável por sua libertação.

Essa imagem do ser humano foi brilhantemente utilizada por Pico della Mirandola (1463-1494), em *Da dignidade humana*, onde ele apresenta o homem como um microcosmo a quem Deus deu a liberdade de ser aquilo que ele desejar: desde o animal mais primitivo até o deus mais elevado. Seu mestre foi o humanista italiano Marsílio Ficino (1433-1499). Um outro representante do humanismo foi o monge beneditino Mestre Eckhart (1260-1328). Os humanistas incluíram em sua filosofia o ensinamento a respeito do microcosmo e seu núcleo divino. Quando todas essas novas idéias começaram a se difundir pela Europa, foi a França que elas tocaram em primeiro lugar, e o Humanismo especificamente francês recebeu um estímulo especial por parte de um círculo de poetas: “*A Plêiade*”

(sete estrelas) – os quais desenvolveram a língua francesa para fazer dela um meio de comunicação tão atuante quanto o latim o era então.

#### A INTELIGÊNCIA CRÍTICA NÃO TRIUNFOU

Num primeiro momento, o vento fresco da renovação espiritual passou sobre a ordem estabelecida da Igreja e da ciência. Elas estavam de tal forma cristalizadas em seu domínio sobre a cultura e o poder deste mundo, que os inovadores protestaram abertamente. Na Europa do Norte, por exemplo, o impulso de renovação veio até mesmo da parte dos próprios teólogos: o humanista holandês Erasmo de Rotterdam (1469-1536), teólogo eminente, mantinha relações com um bom número de pensadores europeus importantes, e assentou os fundamentos de um cristianismo moderno, orientado para uma nova prática cotidiana de vida. Ele pleiteou em prol de uma edu-

Fim da viagem.  
Foto Pentagrama.

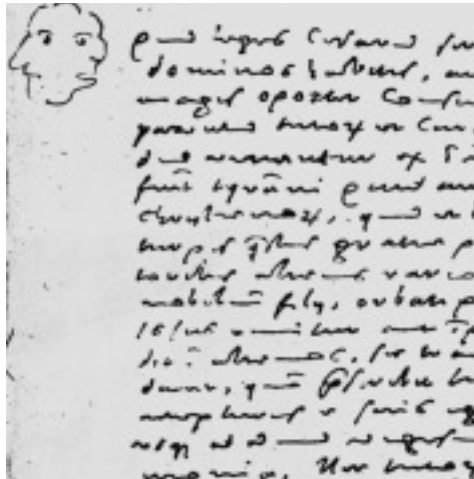


não pôde triunfar. Os teólogos protestantes, à semelhança de seus colegas católicos, colocavam em primeiro lugar a obediência à sua doutrina, principalmente na vida cotidiana. Essa união de esforço e sucesso no mundo, sobre uma base teológica cristã, abriu as portas para a revolução científica e industrial de um novo tempo.

## NOVO IMPULSO DO HUMANISMO

Nos séculos XX e XXI, a onda da chamada Renascença está de tal forma enfraquecida, que já se reduziu às relações humanas, num mundo onde os antagonismos chegam a extremos. Alguns filósofos, como Sartre, procuraram uma saída no existencialismo; os economistas recorreram às vias utópicas de Marx; os políticos fixaram os direitos do homem no papel; e as igrejas se dedicaram às obras de caridade. A ciência pôs-se a trabalhar para assegurar a cada um uma vida tão longa e agradável quanto possível, e fez uma tentativa atrás da outra para aliviar os sofrimentos da humanidade.

Muitos problemas foram resolvidos como resultado de todos esses esforços, mas só temporariamente, pois outros tantos problemas surgiram. E se considerarmos, por exemplo, o crescimento da população mundial, as dificuldades aumentam ainda mais. Esses obstáculos são tão grandes, que a perspectiva de um mundo novo e melhor se afasta cada vez mais. As organizações sanitárias de muitos países procuram fazer com que os idosos e os doentes sejam atendidos de forma mais humana – freqüentemente com auxílio internacional. As organizações sociais tentam manter o atendimento a seus “clientes” sob controle – e estes se tornam cada vez mais numerosos – enquanto são tomadas de assalto por uma onda de aumento de preços. Políticos viajam pelo mundo para che-



cação cristã, de uma ética cristã a ser observada pelos dirigentes políticos, e também pelo estabelecimento de relações mais humanas entre os homens. Principalmente sua idéia da razão humana como uma das faculdades do homem encontrou uma grande adesão junto aos reformadores. Ele enfatizou a ligação individual do homem com sua própria consciência, e o tornou inteiramente responsável por seus atos e por sua pessoa, o que vinha ao encontro das idéias dos reformadores.

Quando, em 1517, na porta de uma igreja, Martinho Lutero (1483-1546) pregou suas 95 teses, a Igreja tinha se tornado um poder mundial, com o Vaticano ao centro. A Reforma de Lutero tinha como finalidade inicial quebrar esse poder temporal, e seu movimento puritano provocou finalmente um cisma que rachou o sólido edifício da cristandade. Mas, como lhe faltava totalmente uma imagem espiritual pura, a crítica inteligente

Esboço da mão de Erasmo.

Manuscrito de Erasmo. A cabeça de Janus faz referência a retificações próprias.



gar a um consenso quanto às medidas a serem tomadas para impor e manter à força os direitos do homem diante dos empreendimentos econômicos. Tocados pelo sofrimento de seus semelhantes, muitos são aqueles que se doam voluntariamente e oferecem dinheiro e bens. Uma onda de “filantropia” se abate sobre o mundo, precedida por um profundo vale de miséria, e, tal como o movimento das ondas, cada crise é seguida de uma outra. Em seu livro *A Gnosis Chinesa* (Ed. Rozekruis Pers, Holanda), o gnóstico e transfigurista Jan van Rijckenborgh explica que o ponto mais alto da bondade coincide sempre com o ponto mais baixo da abjeção humana:

*“Inúmeros são aqueles que, no decorrer dos séculos, se desviaram de qualquer religião e tentaram a experiência do humanitarismo. O resultado negativo da religião era tão evidente, o caos da vida tão grande, que uma profunda revolução era inevitável, pois a bondade à qual se aspirava não era assim tão boa que não se quisesse o menor para si! A consciência-eu foi fortemente estimulada, e a luta pela existência, que se manifestou então, colocou em evidência, num dado momento, o imenso contraste entre riqueza e miséria e – entre os sofrimentos dos oprimidos e os excessos dos poderosos.*

*Nesse solo é que se enraizou o humanitarismo, como também a luta pela liberdade conduzida pelos proletários de todos os países. E uma grande bondade cresceu em todos aqueles que desejavam auxiliar os oprimidos. A democracia surgiu, e a declaração dos direitos do homem suscitou a ânsia por liberdade. Muitos movimentos foram criados para auxiliar o pobre e o oprimido, e a Europa inteira vibrou de bondade humanitária. [...] E vede agora, no nosso século, o resultado dessa onda de bondade: um horrível terror, uma pestilência espantosa, uma carnificina frenética, sofisticada e científica. A tal ponto, que a história do*

*mundo inteiro, incluindo a pré-história, jamais ofereceu espetáculo semelhante”.*

Entretanto, deve haver uma outra possibilidade! Os esforços pela dignidade humana são evidentes. O homem não pode mais ignorar sua origem espiritual. Ele traz em si o princípio de um “mundo melhor”, e isso o desassossega constantemente. É por essa razão que ele busca, que ele deve necessariamente procurar. E é nessa busca que ele encontra os limites de sua individualidade. Quando ele se torna consciente de sua pobreza espiritual, o caminho para uma consciência mais elevada e mais livre abre-se diante dele. Aquele que é capaz, como Marsílio Ficino, de gradativamente ir dizendo adeus a este mundo de forças opostas, e de deixar falar em si o princípio espiritual original, terá a possibilidade de voltar-se e de sair da caverna das ilusões.

O filósofo grego Platão (427-347 a.C.) descreveu o homem como um ser prisioneiro numa caverna: ele está sentado, acorrentado, com o corpo de costas para a entrada. Diante dele, a luz projeta sombras sobre a parede do fundo: lá está toda a sua realidade. Mas, se ele se voltasse para a luz, veria o que provoca as sombras monstruosas que se projetam na parede. Há três espécies de prisioneiros:

- Aqueles que vivem seu aprisionamento como coisa normal e não param de discutir sobre o como e o porquê das sombras sobre a parede;
- Aqueles que se sentem enganados e tentam suavizar suas penas e as dos outros;
- Aqueles que sabem que não estão em seu lugar nessa caverna, e se esforçam por romper suas correntes e auxiliar a outrem a encontrar a liberdade.

## O NOVO HOMEM QUE SE APROXIMA

*Os fundadores da atual Escola Espiritual da Rosacruz Áurea percorreram, junto com seus alunos, um certo caminho de desenvolvimento. Eles conduziram seus alunos passo a passo e levaram-nos à realização do ensinamento na prática, pois o que era aprendido tinha que deixar ser trabalhado. Tudo o que era assimilado tinha que deixar ser realizado e retransmitido. Foi assim que a Escola iniciou uma evolução, numa época em que muitos grupos com os mais elevados ideais não conseguiam realizá-los — ou porque não podiam compreender seus mestres ou porque não os queriam seguir. Em todo caso, porque não puderam transformar seus ideais em prática no seu dia-a-dia.*

Quando a Europa se afundou na violência da Segunda Guerra mundial, as tropas alemãs de ocupação fecharam a Escola. Mas mesmo assim, em silêncio, a etapa seguinte foi preparada. E, imediatamente ao final da guerra, foi apresentado o novo programa de ações: *Dei Gloria Intacta* – a Glória de

apresenta toda a atividade da plenitude gnóstica para a humanidade. E como terceiro pilar do novo desenvolvimento, publicou-se *O advento do novo homem*, no qual foi anunciada uma nova raça humana, espiritual, com a exata descrição de suas qualidades e faculdades. Com isto, deu-se o impulso para uma nova fase na “Renascença” ou renascimento espiritual do gênero humano, impulso esse que não se limitou ao país onde foram publicados esses livros, mas que foi posto à disposição de toda a humanidade, já que o mundo e seus habitantes haviam entrado num período de novas possibilidades de vida e de desenvolvimento. J.v.Rijckenborgh testemunha a esse respeito, em seu livro *O advento do novo homem* com as seguintes palavras: “Assim, ao longo dos anos, séculos e eões, a roda do tempo gira e, com toda a razão, o sábio Pregador pode dizer: ‘Há alguma coisa de que se possa dizer, ‘vê, isto é novo?’ Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós’. O mesmo é válido para o vaivém das raças humanas. Elas não são ‘novas’, essencial e literalmente falando, mas, no sentido mais profundo, antigas raças, ou misturas destas, que retornam. São sempre as mesmas coisas, os mesmos fatos e os mesmos seres humanos, que nas contínuas revoluções da dialética passam em revista, ininterruptamente, os acontecimentos atuais.

*Se agora vos falamos sobre o advento do novo homem, que fique imediatamente claro que não temos a intenção de vos dar informações acerca de alguma raça humana dialética futura, pois conforme foi dito, cada nova*

“Esqueleto, responde-me:  
Que fizeste de tua alma?  
Archote, que fizeste de tua chama?  
Gaiola deserta, que fizeste  
Do belo pássaro que cantava  
Vulcão, que fizeste de tua lava?  
Que fizeste de teu mestre-escravo?”  
Xavier Mellery (1845-1921)

Deus é intocável – onde foi descrito todo o caminho de desenvolvimento do homem. Em seguida, foi publicado o livro: *A Gnosis em sua atual manifestação*, no qual se

# L'IMMORTALITÉ



Squelette réponds moi : Qu'as tu fait de ton âme  
Flambeau, qu'as tu fait de ta flamme ?  
Cage deserte, qu'as tu fait  
De ton bel oiseau qui chantait ?  
Volcan qu'as tu fait de ta lave ?  
Qu'as tu fait de ton maître esclave ?

*raça que alcançou a manifestação dialética já existiu nos séculos que nos precederam, de forma que é grande ilusão classificá-la como 'nova'. Ainda que o fora, semelhante manifestação racial não teria nenhum interesse para os alunos da jovem Escola Espiritual. Nós lutamos por libertar-nos do incessante girar no tempo, aspiramos à vida original do reino de Deus, o qual não é deste mundo.*

*Deveis, portanto, entender nossas explicações sobre o advento do novo homem num sentido total e realmente novo, pois de nenhum modo nos referimos a alguma ciência ocultista ou etnológica. Pelo contrário, chamamos vossa atenção para o fato de a Linguagem Sagrada, pura e absoluta, também encerrar afirmações referentes a uma nova raça humana, embora em sentido muito particular. Esta nova raça é conhecida por diferentes denominações. Às vezes é mencionada a vinda do povo de Deus na terra; outras vezes, lemos a respeito da Una Sancta, de uma fraternidade santa e ainda de muitas outras comunidades. Certamente isso é de vosso conhecimento, todavia é necessário que também compreendais tudo isso segundo o sentido correto a fim de poder evitar todos os erros possíveis.*

*Existe uma fraternidade santa, a Fraternidade Universal, a Fraternidade do reino original, porém as indicações da Linguagem Sagrada acima citadas em geral não se referem a essa Fraternidade. Não, nossa atenção aqui é dirigida para a formação de uma fraternidade totalmente nova, de uma una sancta totalmente nova. Quando, para alcançar melhor compreensão, consideramos os problemas ligados a isso segundo seus aspectos temporais e espaciais, vemos, de um lado, o mundo dialético e a humanidade e, de outro, o reino de Deus e seus habitantes. Vasto abismo separa esses dois mundos, abismo intransponível consoante tempo e espaço. Homens e raças de carne e sangue da natureza dialética comum não*

*o podem transpor. Eis por que na ordem mundial dialética toda a vida gira qual roda em torno do eixo, num retorno incessante, numa repetição sem fim.*

*Sabemos que essa Fraternidade do outro reino aspira a redimir a humanidade decaída e prisioneira e, com esse propósito, empreende um trabalho cujos aspectos são debatidos e examinados ininterruptamente na Escola Espiritual. Muitos seres humanos neste mundo reagem com seriedade e devotamento aos impulsos da Fraternidade Universal. Não sabemos seu número exato, mas sem dúvida eles existem. Não sabemos a que povos ou nações pertencem nem em que países vivem. Com uma probabilidade que beira a certeza, porém, podemos supor que seres humanos que reagem a esses impulsos existem em quase todos os países, inúmeros deles evidenciam qualidades e opiniões similares àquelas encontradas em nossa Escola.*

*Todos esses seres humanos, com sua diversidade de povos e de países, formarão, em todas as regiões e em todos esses países, em dado momento da história mundial, uma comunidade, uma raça muito especial e exclusiva, que não se caracterizará por habitar determinada região da terra, e sim pelo fato de que se livrará da fatalidade do giro dialético da roda e realizará o milagre de atravessar o intransponível abismo em direção à pátria perdida. É a essa nova comunidade, ora em formação, que a Linguagem Sagrada se refere.”*

Jan van Rijckenborgh, *O Advento do Novo Homem*, Lectorium Rosicrucianum, 2ª edição brasileira, São Paulo, 1988.



## O HOMEM AINDA TEM VALOR E DIGNIDADE?

*Dez jovens foram fechados num container-moradia por cem dias, vivendo ali uns com os outros dia e noite. Em cada canto dessa casa achavam-se câmeras e microfones, para gravar suas atividades e retransmiti-las para o mundo exterior. Big Brother – de George Orwell – is watching you! (O Grande Irmão está olhando para você!)*

A idéia concebida pelo autor George Orwell, em 1949, em seu romance *1984*, já é realidade há décadas, em alguns países. A imagem de Orwell foi inspirada, entre outras coisas, no comunismo, que atraiu a humanidade com ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, mas em seguida prendeu esses ideais um a um em uma casa de vidro, na qual só o Partido podia deliberar. Portanto, com esta imagem de um regime totalitário, Orwell não estava nem um pouco distante da realidade. O comunismo europeu despedaçou-se, ao cair de seu pedestal há dez anos, mas seus estilhaços ainda se encontram em milhões de corações.

O mundo deve se tornar transparente: nós devemos nos conhecer uns aos outros, saber tudo uns dos outros, o que fazemos e quem somos. A internet ajuda o homem sedento de novidades a saciar-se plenamente, mas desde o início é – ainda e sempre – o Big Brother – o grande poder sobre todos – que pode controlar seus súditos até no banheiro.

O show televisivo do *Big Brother* é só uma variante. A democracia está no poder, e todos têm o direito de saber e

de ver os fatos e gestos de todo o mundo. No programa de TV do *Big Brother*, perde-se o último resquício de dignidade. Os participantes são submetidos a severas regras de controle, para que se acredite que tudo se passará corretamente. Mas, quando o ser humano é forçado a defender sua pele, não há mais civilidade, e se ele tem fome, ele se joga brutalmente contra os outros, como nas arenas da Roma antiga decadente. Da mesma forma que o imperador romano decidia, com um sinal de seu dedo, quem devia sobreviver ou não, também no programa de TV o público pode decidir, com um botão eletrônico ou por telefone, quem é o preferido e quem deve desaparecer.

Orwell tinha razão. E, com ele, muitos outros – que não tiveram, como ele, a oportunidade de publicar seus pensamentos. O homem moderno aparenta ter toda a liberdade, mas é silenciado mortalmente quanto ao Espírito. Para demonstrar a aparente liberdade total, deixa-se que sejam observados publicamente até os comportamentos mais íntimos, e com isso passa-se por cima de todos os velhos tabus e princípios, o que provoca acaloradas discussões sobre a dignidade humana: “Onde se acha o limite invisível?” “Em qual momento a dignidade humana foi atacada?” “Como ela pode e deve ser protegida?”

O QUE É EXATAMENTE “A DIGNIDADE DO HOMEM”?

Do ponto de vista exterior, alcança-se a dignidade: ou exercendo uma função honrada e importante, ou pela sabe-



doria adquirida com a idade. Ela tem uma radiação que impõe respeito, mas na verdade nada mais é que a imagem da ordem hierárquica da lei do mais forte, que reina entre homens e animais. Ela pouco tem a ver com o valor real e interior de um ser. No século passado (século XX), as normas da dignidade humana foram revistas muitas vezes. Duas devastadoras guerras mundiais deixaram marcas tão profundas e irremediáveis, que o conceito de dignidade humana teve que deixar ser reformulado e fixado na *Carta das Nações Unidas*. Nas Constituições de vários países consta que a dignidade do homem é inviolável. A *Declaração dos Direitos do Homem* das Nações Unidas, de 1948, fala que a “*dignidade pertence a todos os membros da família humana*”. Mas, apesar desta declaração ter sido assinada pela maioria dos países membros, a maior parte de seu conteúdo permanece pura teoria. Muitos homens ainda vivem na mais amarga miséria e sob condições absolutamente intoleráveis, e muitos são joguetes nas mãos dos poderosos. É muito fácil falar de dignidade humana atrás de uma escrivaninha, mas aqui estamos tratando de sua realização na prática – e isto é muito difícil na sociedade. Os animais têm menos problemas, uma vez que eles têm um respeito natural uns pelos outros e se mantêm nas regras de seu grupo. Todavia, a violação e o desrespeito pela vida de milhões de homens e animais provam que o homem ainda está à procura do próprio valor – o seu e o das demais criaturas.

#### SERÁ QUE ESTAMOS DIANTE DE DESENVOLVIMENTOS NOVOS?

Quem pode definir exatamente o que é a dignidade e o valor de um homem? As atuais leis do direito tentam impor limites a essa dignidade, e, com isso, o homem é rebaixado a um mero objeto politicamente manipulável.

Tanto a discriminação como a difamação mutilam a personalidade. Dizem que a tecnologia moderna ultrapassa os limites do “admissível” com a possibilidade de criar vida artificial. A ciência médica tenta rejuvenescer o ser humano; a engenharia genética tenta eliminar doenças e características indesejáveis; a ciência nuclear tenta descobrir o segredo da vida às custas dessa mesma vida.

Mas será que estamos diante de desenvolvimentos novos? Será que é só agora que o homem tenta prolongar sua vida, curar suas doenças e remediar suas desgraças? Será que isso já não aconteceu no passado, com tecnologias ainda desconhecidas mas que podem estar próximas de serem redescobertas? Será que as ameaças dos métodos modernos à dignidade humana são algo novo debaixo do sol? Ou não serão apenas facetas do modelo que se repete eternamente? E onde se encontra o limite entre a vida digna e a indigna? Será que nunca foi estabelecida uma “declaração” realista sobre a dignidade da criatura – e em especial do ser humano?

#### O VALOR DO HOMEM NOVAMENTE REFORMULADO

Questões como essas são levantadas em épocas de grandes mudanças, porque muitas normas e limites antes respeitados se perdem. Todavia, na maioria das vezes, os responsáveis por essas mudanças têm pouca percepção do alcance de suas ações. O velho desaparece e o novo se manifesta, e a revolução engole seus próprios filhos. O homem é forçado a reagir ao impulso que ataca e transtorna a imagem que ele tem de sua época, e é forçado a procurar um novo caminho. No século XXI, isto é muito claramente visível. O mundo todo está em movimento, e princípios respeitados até agora caem como folhas secas das árvores.



Nesses períodos de total reviravolta – e estes já aconteceram incontáveis vezes na história da humanidade – ainda ressoa o chamado para o restabelecimento da dignidade interior e eterna do homem. O mesmo está acontecendo agora.

O ponto de partida do impulso que atua em nosso tempo atual remonta ao período designado como Renascença. Naquele momento, o papel dominante da Igreja foi questionado. O movimento da Renascença começou na Itália, bem antes do resto da Europa, pela redescoberta dos sistemas filosóficos antigos, dos ensinamentos gnósticos do começo do cristianismo e das tradições de antigas civilizações muito desenvolvidas. Muitos se perguntaram então o que era o homem, de onde ele vinha e com que objetivo ele estava sobre a terra, e a Igreja deu poucas respostas a estas perguntas – ou até mesmo nenhuma.

Giovanni Pico della Mirandola, um amigo de Marsílio Ficino, também foi

inspirado por esse impulso da Renascença e, jovem ainda, publicou suas Novecentas Teses em resposta às questões mais diversas sobre a dignidade humana. Seguindo a tradição grega, ele fez saber em todas as universidades da Itália, da Espanha, da França, da Alemanha, e em todos os lugares influenciados por Roma, que no ano de 1486 teria lugar ali um debate: “O conde della Mirandola defenderá publicamente estas 900 teses, relativas à Dialética, à Filosofia Moral, à Física, à Matemática, à Metafísica e à Teologia, à Magia e à Cabala, que representam em parte seus próprios pensamentos, e em parte os escritos dos sábios caldeus, árabes, gregos, egípcios e latinos”.

“ISSO ULTRAPASSA A FÉ”

Como introdução a esse debate, ele escreveu seu ensaio *De hominis digni-*

Reflexão, meditação e fogo, Jan Toorop (1858-1928).

## Avião de vigilância, tripulação encalhada na China.

Um avião de vigilância da Navy (marinha americana) colidiu com um avião de caça chinês no domingo durante um voo rotineiro de vigilância próximo da costa da ilha chinesa de Hainan. O EP-3 é aproximadamente do tamanho de um avião de linha comercial, o Boeing 737, e pode monitorar as comunicações de rádio, radar, telefone, e-mail e fax. O avião carregava 24 membros de tripulação: 22 da Marinha, um oficial da Força Aérea e um fuzileiro naval.

### EP-3E Áries II

- ▶ **Missão principal:** vigilância eletrônica
- ▶ **Movido por:** 4 motores turbopropulsores
- ▶ **Autonomia de voo:** pode voar por 12 horas e uma distância de 3000 milhas

Este console rastreia e analisa os radares terrestres utilizados para guiar os aviões de caça e detectar os aviões que se aproximam e os sinais eletrônicos. Ela distribui a informação a outras unidades do exercito americano.



tate, que começa assim: “Finalmente me ocupei com a questão de saber por que seria o homem o ser vivente mais feliz, e forçosamente mais admirado por todos, e em que condições seria possível que ele proviesse da evolução do universo, suscitando a inveja, não somente dos animais, mas também das estrelas e até mesmo, sim, das inteligências supra-terrestres. Isso ultrapassa a fé de tão maravilhoso que é.” Ele mesmo responde a si próprio com estas palavras: “Deus-Pai criou os espíritos, as almas eternas e os animais, cada um em sua própria esfera de vida. Mas quando concluiu sua obra, o Grande Arquiteto desejou que alguém apreciasse, em pensamento, a inteligência de uma obra tão grandiosa, que amasse sua beleza e que admirasse seu esplendor. Então Deus criou o homem e lhe disse: A natureza dos outros seres é determinada pelas leis prescritas por nós, e, por esse motivo, eles são mantidos no interior de certos limites. Mas,

nenhuma barreira intransponível se opõe a ti. E assim, graças a teu livre arbítrio, na mão de quem eu depositei teu destino, tu deves estabelecer para ti mesmo tua própria natureza, como mencionei mais acima. Eu te coloquei no centro do mundo para que, de lá, observes sem dificuldade tudo aquilo que aí se encontra. Entretanto, nós não te criamos nem celeste nem terrestre, nem mortal nem imortal, afim de que, como escultor e poeta perfeitamente livre, e recebendo estas disposições em bem e honra, tu mesmo definas a forma na qual queres viver. Tu és livre para degenerar no mundo inferior do animal, e livre para tomar a decisão de te elevar ao mundo superior divino”.

Antes de evocar os ensinamentos perfeitos dos sábios antigos em estrofes profundamente tocantes, ele lança este apelo ardente: “Não façamos mau uso da bondade plena de graça de nosso Pai que nos deu essa livre vontade, e não atraiamos nenhum mal para nós

Big Brother is watching you. Esse avião está equipado para interceptar e controlar as mensagens enviadas por rádio, TV, e-mails, telefone e fax. Fonte: USA Today.

*mesmos com esse benefício. Uma santa ambição deve penetrar nossa alma e, sem nos contentarmos com a mediocridade, desejemos e persigamos com todas as nossas forças aquilo que há de mais elevado”.*

O debate nunca aconteceu. Os inimigos o denunciaram como suspeito de heresia, e o papa Inocêncio VIII interditou o encontro. Pico della Mirandola teve que jurar que se calaria, mas em 1487 renunciou ao silêncio e publicou *Apologia*. Foi excomungado. Esta excomunhão durou até 1493. Ele escreveu a seu sobrinho Giovanni Francesco: “*Se ainda não sabes, a dignidade apostólica consiste em ser considerado digno quando se é desonrado pelos ímpios em nome do Evangelho.*”

#### PASSO SEGUINTE EM DIREÇÃO AOS TEMPOS MODERNOS

Na Itália, e mais tarde no resto da Europa, a Renascença não estava focalizada apenas na revivificação de culturas antigas. Ela foi também uma reação a um novo impulso divino, orientado para o despertar e a manifestação do homem espiritual ainda adormecido. Em um tal momento – e assim acontece também em nossos dias – os que são sensíveis ao chamado divino têm a possibilidade de adquirir uma nova consciência. É evidente que um tal impulso também provoca reações negativas: o que é libertação para o escravo é queda para o detentor do poder; o que é luz para um é trevas para outro. O mesmo aconteceu no final da Idade Média: os que aspiravam à renovação compreenderam do que se tratava, e os conservadores lutaram por manter seu poder. O primeiro grupo colaborou para a renovação da fé, do pensamento, da ciência e da arte; o segundo, agarrou-se ao passado e no final se mostrou mais poderoso, pois é verdade que muitos recuam quando chega o momento de sacrificarem seus

valores e seus princípios estabelecidos. Essas reações contrárias freiam o impulso para uma renovação, a qual perde assim grande parte de sua força de ação interior. Então, os europeus se voltaram cada vez mais para a liberdade material e física, e puseram seu pensar, sentir e agir a serviço da matéria. Para quebrar essa corrente negativa, os rosacruz do século XVII intervieram para mostrar mais uma vez o caminho da libertação interior, mas estavam conscientes da resistência que suscitariam. Na *Fama Fraternitatis* (O chamado da Fraternidade), em 1614, o autor conta como Cristão Rosacruz faz uma viagem (simbólica) ao redor do Mediterrâneo. Em seu caminho para o Marrocos, via Chipre, Damasco, Arábia e Egito, é revelado a ele o caminho interior que leva ao renascimento do homem espiritual verdadeiro. Entretanto, ao retornar à Europa com semelhante conhecimento, ele tem ainda que compreender que os “sábios da Europa” nem querem ouvir falar disso. “*Dois anos mais tarde, irmão R.C. deixou Fez para retornar à Espanha, levando consigo inúmeros e preciosos tesouros, esperando ver, já que ele tinha tirado para si mesmo tanto proveito de sua viagem, que os sábios da Europa se regozijassem intensamente com ele, e dali para a frente orientassem seus estudos sobre tão*

Desenvolvimento da humanidade,  
Albert Hahn.



*seguros fundamentos [...] Mas tudo isso lhes pareceu ridículo e, como tudo aquilo ainda era novo, eles temiam prejudicar seu prestígio, uma vez que teriam que recomeçar seus estudos e confessar seu engano por tantos anos. Além do mais, estavam muito bem acomodados e tirando muito bom proveito de sua posição”.*

#### O VALOR CRÍSTICO NO HOMEM

No momento presente, o *Chamado da Fraternidade* ressoa de novo para nos incitar, onde quer que nos encontremos no mundo, a encontrar nossa dignidade interior e a vivê-la concretamente. Será que isto não significa que a declaração de Pico della Mirandola, que data de cinco séculos atrás, continua sempre atual? Desde aquele tempo, o fio condutor de nossa vida é a vontade, e agora, chegados a um ápice de desenvolvimento, o homem individualizado precisa reconhecer seu erro. O objetivo não é *ele*, mas o *homem superior que está nele!* Ele precisa vencer a si mesmo para servir ao princípio superior em seu microcosmo, sob o risco de “*prejudicar seu prestígio*” e de ser “*desonrado em nome do Evangelho*”, segundo as palavras de Cristão Rosacruz e de Pico della Mirandola. Ele o pode, desde que sua inteligência aja e se liberte de toda autoridade imposta ou adquirida – desde que ele se volte para sua essência interior: para o valor e a dignidade que o Criador depositou nele.

Aquele que quer encontrar sua dignidade real e imortal deve então descer às profundezas de seu próprio ser, para examinar o âmago de seu pensar, sentir e agir, e o que motiva sua vida. Então, ele descobrirá o cristianismo gnóstico, universal, assim como Pico della Mirandola e os Rosacruzes clássicos do século XVII o fizeram, e como a moderna Escola Espiritual da Rosacruz Áurea lhe transmite:

#### O HOMEM ENTRE A APARÊNCIA E A REALIDADE

*“O homem de hoje é manipulado e vencido pelas forças que ele mesmo sustenta. A maior parte do tempo, aliás, sem o saber. A aparência e a realidade são tão próximas uma da outra, que é difícil reconhecer o que as separa. Quem quer se aproveitar dessa situação pode facilmente dominar a outrem. O filme intitulado ‘O show de Truman’ nos dá uma imagem surpreendentemente clara desse aprisionamento. Truman – que quer dizer ‘homem verdadeiro’ em inglês – habita em uma linda cidade. Todas as manhãs, a caminho do trabalho, ele é cumprimentado pelas mesmas pessoas, sempre o mesmo cachorro salta atrás dele, e as mesmas dificuldades de trânsito se repetem. É a rotina da vida cotidiana. Então, a partir de um pequeno incidente, ele começa a se perguntar o que se passa na realidade. A história se acelera quando ele descobre que é prisioneiro de uma série de acontecimentos típicos. A vida de todos os dias – fácil, amável – mostra-se calculada friamente por ‘um poder superior’. Truman é o personagem principal de um programa de televisão que dura 24 horas por dia! Todo o mundo participa de seus altos e baixos. Todo o mundo pode vê-lo: só ele mesmo não sabe disso! Para garantir a continuidade do programa, o produtor toma todas as medidas necessárias para manter seu personagem aprisionado por ele. Todos os concidadãos de Truman são os figurantes do filme de sua ‘vida’. Tudo o que lhe acontece é sempre determinado pelo produtor. As conseqüências são previstas, e as eventuais retificações necessárias são feitas prontamente”.*

(Extraído de: *O show de Truman*,  
Pentagrama ano 21 nº 3)



*“Tu deves, ó alma, adquirir o conhecimento verdadeiro de tua própria natureza, e de sua forma e aspectos. Não creias que uma só coisa, que venhas a conhecer nessa procura, está fora de ti. Não, todo conhecimento que viéres a possuir já é tua posse, está dentro de ti.*

*Protege-te então do engano que te faz procurar alhures as coisas que já possuis. Muitos esquecem onde encontrar essas coisas e as procuram fora de si mesmos, e assim são induzidos ao erro. Porém, mais tarde descobrem que tudo está neles mesmos, e não no exterior. As coisas que tu deves conhecer existem eterna e continuamente, e nenhuma delas está fora de ti. O que está no exterior são as coisas que, desde a origem, estavam já separadas de ti, isto é, elas possuem propriedades diferentes e são compreendidas no processo do ‘crescer, brilhar, decrescer’. Além disso, não há nada mais a ser encontrado fora de ti. Volta-te para ti mesma ó alma, e procura em ti mesma tudo aquilo que é esperado que tu conheças. Não te dês a nada fora de ti, afim de que não caias na corrente das coisas que lutam umas contra as outras, e que suas qualidades divergentes não te abalem, como um mar agitado e encapelado que balança os navios para a direita e para a esquerda, porque assim não obterás nada de bom ao final, e não chegarás a nenhum conhecimento verdadeiro.*

*Convence-te da verdade do que eu te disse, reflete sobre ela. E que não te suceda que, procurando fora de ti, venhas a esquecer aquilo que já possuis, porque tudo o que a alma necessita para chegar ao conhecimento está dentro da alma mesma, e em nenhum outro lugar. E a razão pela qual isso não é percebido não provém da alma, mas do corpo, que está colocado entre a percepção e a alma”.*

*(extraído de um texto hermético)*

#### FONTES:

*Da Dignidade do Homem*, Giovanni Pico della Mirandola; *O Chamado da Fraternidade Rosacruz*, Jan van Rijckenborgh, Rozekruis Pers, Harlem; *Réveille*, Jan van Rickenborgh e Catharose de Petri, Rozekruis Pers, Haarlem.

## O RITMO DOS ACONTECIMENTOS MUNDIAIS

*Em 1939, o filósofo-cultural alemão professor Walter Schubart publicou seu livro *Europa und die Seele des Ostens*<sup>1</sup>, que apareceu na Holanda sob o título de *De komende Europeesche Mensch, het rythme van het wereldgebeuren*<sup>2</sup>.*

Em seu prefácio ele escreve: “Sempre de novo, e cada vez que a humanidade é fecundada por um novo arquétipo, o processo criativo se repete, e um sentimento de efervescente juventude se lança através das civilizações. Então, e somente então, a finalidade da existência parece estar ao alcance de cada um. O que se obteve até então é rejeitado, destruído, acabado, e um ‘novo tempo’ começa. Mas esse ‘novo tempo’ também envelhece e deve por sua vez dar lugar a outro mais novo. Certamente por detrás dessas trocas de arquétipos eônicos deve se ocultar uma lei secreta que estipula que as forças divinas devem afluir ao mundo material para serem rejeitadas mais uma vez”.

O professor Schubart fez um extenso quadro das características e faculdades dos diferentes povos europeus e mostrou, em perspectiva, o futuro homem europeu que disso resultaria. “Aquele que vê os acontecimentos como o desenrolar rítmico da mudança de arquétipos, deixa de colocar o objetivo e o significado do mundo em um longínquo porvir, por não ter necessidade de confiar num futuro incerto. Todas as épocas estão igualmente ‘próximas de Deus’ – da mesma forma que os heróis, mesmo não querendo saber de deuses – pois cada período encerra em si os desígnios do universo. Assim como uma pausa inter-vém numa melodia, uma época sem Deus preenche uma função no ritmo

cósmico. Em princípio, é através dos períodos de tempos sombrios que a Luz recupera seu poder em sua radiante majestade. É dessa forma que a Divindade pode se revelar à raça humana, pois o olho habituado à Luz – saturado de luz – não a reconhece mais. Então, as trevas aguçam a vista e dão ao olhar o anseio por um derramamento de luz.

Ao observarmos os acontecimentos mundiais, não há nada mais fascinante do que aquele momento em que a linha rítmica da onda muda de direção: quando ela chega ao seu ponto mais baixo e recomeça a subir para formar uma nova onda – quando um ciclo se aproxima de seu fim e o esboço do ciclo seguinte se delineia. É um período intermediário, um momento apocalíptico da humanidade. Nesse momento, tem-se a sensação de que há uma ruptura com o que havia até então, embora o arquétipo reinante ainda deva ser demolido para ceder lugar a um outro. Mas a consciência da oposição entre ontem e hoje é tão forte, que o homem amplifica esse acontecimento – como já ocorreu um grande número de vezes – até tornar-se uma exceção na história do mundo. Então surgem doutrinas que dividem os acontecimentos mundiais em duas partes: o passado é considerado como um tempo de extravio – ou, no máximo, como começo de tempos melhores – e o futuro, como a finalidade e a justificação do passado. Tal fenômeno é particularmente visível nas religiões, pois seu nascimento sempre inaugura uma nova época.

O século XX faz parte de um desses períodos intermediários. Há dezenas de anos, alguns poucos que tinham a noção do desenvolvimento geral perceberam que alguma coisa estava chegando ao fim para nós. Segundo Merekovski, é a humanidade pós-atlântica; para Una-



numo, o cristianismo; para Spengler, a civilização milenar do Ocidente; para Berdjajev, a Renascença; para Fried, o capitalismo. Mas não se trata de um ‘esprit fin de siècle’<sup>3</sup> invadindo a alma humana – como imaginam as cabeças ocas. Como se o ritmo interior dos acontecimentos dependesse de datas fixadas arbitrariamente pelos homens.

Nos dois últimos milênios, a Europa viveu dois períodos: a época gótica e a época prometeana [...] Todo compenetrado de eternidade, o homem gótico voltava seu olhar para o alto – cada vez mais ambiciosas, suas catedrais se lançavam para o céu – e ele se esquecia da terra florescente. Só pensava na salvação de sua alma, em voltar-se apenas para Deus e em repousar nos braços de Sua graça. Entre 1450 e 1550, com a passagem para o ciclo prometeano, ocorreu uma profunda mudança: agora, sob o signo do heroísmo humano, o novo homem voltava seu olhar para a terra – para as distâncias sem limites ao redor do globo – e não mais para as alturas infinitas. Pela primeira vez foram possíveis grandes descobertas, tanto no domínio do conhecimento da terra, como nas ciências da natureza. Para esse novo homem, não se tratava mais da salvação pessoal de sua alma, mas de tomar posse da terra. Ele queria tornar-se senhor

dela e, como consequência, se passar por Deus. Eu o denomino ‘o homem prometeano’ porque o comparo com Prometeu: o orgulhoso titã que se insurgiu contra os deuses e serviu-se astuciosamente das forças da natureza – o semideus que tinha a intenção de transformar o mundo segundo suas próprias concepções.

Quinhentos anos se passaram, e agora vivemos uma nova mudança: a sombria nuvem do destino, que ferirá o heróico homem prometeano com clarões mortais, avança sobre ele. A Europa caminha ao encontro da mais sangrenta das catástrofes: inelutavelmente, aproxima-se o fim que foi preparado desde o início. Esse destino é inevitável. A pedra começou a rolar, e isso não começou em 1914, mas ela já está rolando há quatro séculos. Porém, a aurora de um novo mundo já brilha no horizonte: a época joanina já está se preparando – época em que a imagem messiânica original imprimirá seu selo sobre a humanidade.”

<sup>1</sup> N.T.: “A Europa e a Alma dos Ocidentais”

<sup>2</sup> N.T.: “O homem europeu que está surgindo, o ritmo dos acontecimentos mundiais”

<sup>3</sup> N.T.: “espírito de fim de século”: ambiente cultural de um final de século.

Uma onda da evolução humana deixa traços por centenas de anos. Foto Pentagrama.

# A ONDA

*Vistas do alto, as ondas na ressaca são uma boa imagem de como se desenvolvem os movimentos culturais e políticos. Antes que tais movimentos alcancem seu ponto máximo, e se derramem sobre a humanidade, muitas correntes sobem e descem, como pequenas marolas e redemoinhos.*

Algumas se fundem umas às outras até formarem uma corrente mais forte, enquanto outras perdem em força e desaparecem sob a superfície. Esse processo leva apenas alguns segundos. A onda que sobe e desce reúne muita força, até fazer um único movimento majestoso. Ela se ergue, aumenta em força, forma um pequeno vértice e sobe mais e mais até

ultrapassar todas as outras. Em seguida ela diminui, rola para trás, preparando-se para um novo impulso. Enquanto isso, tensões e forças subjacentes se conjugam, e aparece uma crista que se eleva e se precipita para a frente. Essa aceleração faz nascer no seu topo uma fina névoa de gotículas de água que se dispersam: um tênue véu que corre junto com a onda e se colore com as cores do arco-íris. A névoa flutua como uma bandeira ao vento e se mistura com o ar, desprendendo-se da crista. Então a onda se derrama cada vez mais rapidamente, rola para uma última investida, e depois se quebra e explode em milhares de partículas. E o que se torna visível em seguida é uma teia extremamente fina e trepidante de pequenos e grandes redemoinhos, que acabam por se perder na onda seguinte, que já está juntando suas forças.



## ANSEIO POR UMA SOCIEDADE IDEAL

*As concepções herméticas se mantiveram vivas através dos séculos. Principalmente na Europa, onde freqüentemente projetavam-se novas estruturas sociais nas quais a humanidade pudesse viver em conformidade com os princípios herméticos. Tais projetos dos mais elevados – como a Utopia de Thomas More – eram considerados utópicos porque não condiziam com a ordem estabelecida. Mas será que os autores desses projetos realmente buscavam uma nova sociedade?*

As idéias que estabeleceram as bases para o estado perfeito de Platão, a *Cidade do Sol* de Campanella, *Utopia* de Thomas More, *Christianopolis* de Johann Valentin Andreae, *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração* de Jan Amos Comenius e a *Nova Atlântida* de Sir Francis Bacon são muito semelhantes: a imagem de um outro mundo, totalmente diferente, deveria substituir a antiga. Assim era naquele tempo, e assim foi também no século XX, quando novamente se investiu contra a autoridade estabelecida do Estado, da Igreja e do capital. O movimento da chamada Renascença agonizava, e era necessário que fosse ultrapassado por novo impulso. Surgiram então dezenas de planejadores que imaginaram outro mundo ideal, em cuja realidade eles tinham que viver. Desejava-se continuar a Renascença de qualquer maneira.

Tanto durante a Renascença como agora, esses projetos assimilaram ca-

racterísticas do mundo contra o qual se colocavam. Sem esses pontos de referência, teria sido impossível dar a essas novas imagens um caráter algo real e compreensível. Em *Nova Atlântida*, Bacon nos conta que embarcou com alguns amigos num navio e, como o vento desviou seu curso, acabou desembarcando na ilha de Bensalem, no Oceano Pacífico. Essa representação do oceano como o mar da vida, onde o homem deve viver suas experiências, é retomada por Johann Valentin Andreae em *Christianopolis*: o barco é o símbolo do microcosmo, o pequeno mundo no qual o homem deve empreender a viagem de sua vida mortal para alcançar a vida eterna. Na simbologia clássica, esse caminho de purificação foi descrito dessa forma.

A bordo havia provisões para 12 meses: uma alusão ao zodíaco, no qual se realiza todo o ciclo de vida de um homem, e de onde ele recebe seu alimento. Mas os tripulantes também estavam enredados com seu barco – daí a imagem do prisioneiro acorrentado às galés e condenado a remar, e o curso de seu barco era determinado por um comandante – seu eu superior. Quando os mantimentos acabaram e a morte se anunciava – quer dizer: quando não havia mais esperança de serem alimentados e refeitos pela natureza terrestre – os tripulantes abriram seus corações para o comando mais elevado: eles amadureceram para o auxílio divino, elevaram seus corações e clamaram a Deus no céu.

Na história de Bacon, os tripulantes também clamam por um comando superior: em resposta aos seus desejos, surge uma nuvem à qual devem seguir.

Um pouco antes de uma onda se quebrar na superfície, surge uma crista de fina névoa que se dissipa no ar. Um magnífico símbolo da colheita espiritual de um impulso. Foto Pentagrama.





“Isso nos deu a esperança de encontrar terra [...] seguimos durante toda a noite diretamente para o lugar onde suspeitávamos que houvesse terra”. Frequentemente, a noite é o símbolo da busca do homem pela luz imortal, e de seu desespero por não perceber nenhum sinal da nova alma e do novo mundo: o momento em que o desejo e a fé são claramente provados. “E na manhã do dia seguinte, nós pudemos distinguir que era realmente terra”. O coração puro e aberto pode encontrar a direção certa na noite mais negra: geralmente é no raiar de um novo dia que se percebe o resultado do caminhar na escuridão.

#### CHEGADA À ILHA DE BENSALEM

Antes que os viajantes esfomeados pudessem desembarcar, eles tiveram que provar que “*nos últimos quarenta dias não haviam derramado sangue humano nem por palavras nem por ações*”. Sem dúvida, esse número quarenta se refere aqui à prática de vida dos quatro pontos fundamentais como porta para um novo desenvolvimento. Assim, a ilha de Bensalem só era acessível aos “iniciados”: àqueles que podiam provar por seu comportamento, que haviam ingressado em um processo de renovação interior.

Quando os recém chegados depositaram seus bens aos pés do sacerdote, este lhes declarou que só se interessava pelo amor fraternal e pela santificação de seus corpos e de suas almas.

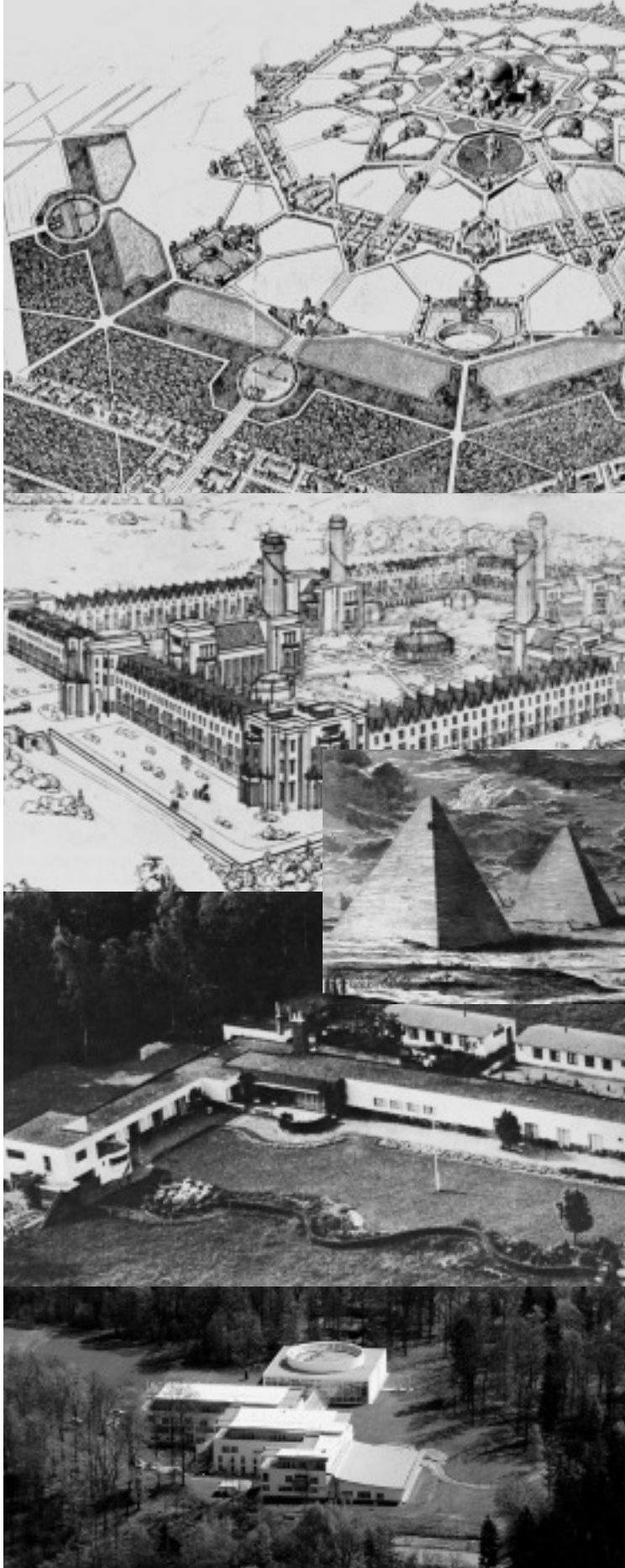
O fato de que a ilha só podia ser encontrada por aqueles que quisessem e

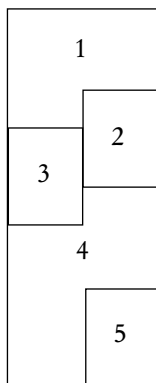
pudessem satisfazer às novas exigências de vida demonstra que *Nova Atlântida* não trata meramente de uma sociedade ou estado ideais. O superior envolve o inferior, mas o inferior não pode envolver o superior. O inferior deve aspirar ao bem superior e tornar-se consciente de sua presença.

No tempo de Bacon, imagens idealistas como as dele voltavam-se, na maioria das vezes, para uma espécie de “novo céu”, ou para uma comunidade com características “celestiais”. Sua descrição de uma comunidade paradisíaca, onde os homens viviam em harmonia uns com os outros, era revolucionária para a época. Ele conta que 13 pessoas, em momentos diferentes, retornaram para o velho mundo e só obtiveram incredulidade de todos com seus relatos. Assim ele faz a ligação entre utopia e realidade e traz seu “mundo perfeito” para mais perto da humanidade.

#### “POR CAUSA DA LUZ”

Os habitantes de *Nova Atlântida* não conheciam egoísmo, e a fraternidade que era praticada na “Casa de Salomão” era orientada para a compreensão do homem e do mundo. “*Vede, nós não mantemos comércio por ouro, prata ou pedras preciosas, nem por seda ou especiarias e tampouco por outras coisas lucrativas e valiosas, mas exclusivamente pela primeira criação de Deus: a Luz*”. O dito de que a Casa de Salomão tinha que adquirir o conhecimento das causas e dos movimentos dos poderes ocultos





na natureza e levar a sociedade humana aos seus limites pode ser interpretado de várias maneiras. Muitos, nessa época, libertavam-se progressivamente dos dogmas religiosos, mas as novas ciências ainda estavam carregadas de misticismo: pesquisava-se a natureza física, mas sempre levando-se em conta seu fundo espiritual. Porém, esse caminho foi em seguida abandonado, e o materialismo triunfou: estudava-se a “manifestação exterior” das coisas para dominá-las. Tudo o que a Igreja

tinha proibido por séculos agora podia ser pesquisado livremente. Então alguns também viram que esse caminho levava a um mergulho mais profundo nas tentações do jardim do Éden. Os “tempos modernos” do século XV desembaraçaram-se da “proteção” e da tutela da Igreja: o *Uomo Universalis* deveria desenvolver-se por si mesmo.

Dessa maneira é que se estabeleceu a base para a extrema consciência do eu dos cinco séculos seguintes. No entan-

## A COMUNIDADE IDEAL

Nos últimos séculos, sempre se elaboraram planos para Estados, cidades ou comunidades ideais. Desde antes da Revolução Francesa, Rousseau e os Enciclopedistas tornaram conhecidas suas idéias utópicas radicais. Em 1770, surgiram as Memórias do ano de 2.500 de L.S. Mercier e, em 1775, o Código da Natureza do francês Morely, com a imagem de uma sociedade comunitária ideal. Na Inglaterra, William Godwin descreveu uma sociedade fundamentada no auxílio mútuo e sobre o princípio moral da justiça. Thomas Spence era da opinião de que era preciso restabelecer o estado natural, e serviu-se da história de Robinson Crusoe para ilustrar seu ponto de vista. Thomas Paine publicou seu Os Direitos do homem. A partir da Revolução Francesa publicou-se grande quantidade de planos, que foram em parte executados – como, por exemplo, a “Utopia agrária” dos Cartistas e A Comunidade da vida para 2000 homens de Robert Owen, fundamentada nas concepções

de Platão, Bacon e Thomas More. Essa linha prosseguiu até o século XX, com os “socialistas utópicos”: Karl Marx e Friedrich Engels, Henri de Saint Simon, Fourier e Owen, o americano John Humphrey Noyes, o francês Pierre-Joseph Proudhon, o príncipe russo Peter Kropotkin, o escritor russo Tolstoi, os ingleses John Ruskin e William Morris, o holandês Frederick van Eeden, o americano Thoreau, e o arquiteto Tony Garnier (Cité Industrielle), Bruno Taut (Glazen Stad), Frank Lloyd Wright (Broadacre City), Le Corbusier (Plan Voisin), Soleri (Hexadron), o teósofo K.P.C. de Bazal (plano para uma cidade com sete portas destinadas ao Governo mundial de Haia) e H.T. Wijdeveld, fundador da Comunidade de trabalho de Elckerlyc (palavra que significa “todos”) e construtor da Escola de arquitetura do mesmo nome – que em nossos dias se tornou o Centro de Conferências de Renova – e muitos outros. Uma série variada de ideais e projetos, religiosos e não religiosos, para os seres humanos poderem viver em condições ideais.

P.30: 1-A cidade ideal de Chaux, segundo uma planta de Ledoux, descoberta após sua morte (1806) em um livro sobre arquitetura. 2-A ilha Utopia, gravura em madeira da página de rosto da primeira edição de Thomas More, Louvain, 1516. 3-Página de rosto da obra de Bacon que também contém Nova Atlântida. 4-Plug-in-City do grupo de arquitetos ingleses Archigram. 5-Hexadron, planta de uma cidade ecológica de Paolo Soleri, por volta de 1970.

to, o mais importante era a revivificação da semente espiritual no homem, cujos frutos serão colhidos em nossos dias, na época de Aquarius. Portanto, o homem contemporâneo ocidental, com seu intelecto exacerbado, é a resposta ao impulso para o vir-a-ser interior do homem. Ele é o fruto de um longo desenvolvimento no qual ele mesmo pôde tomar as rédeas, mas no qual ele também – se o quisesse – poderia ter-se conduzido pelo caminho de Deus. Sua própria decisão contudo determinaria sempre seu próximo passo. Assim ele foi lançado para os limites de suas próprias possibilidades.

CHEGANDO AO LIMITE DA  
PERSONALIDADE

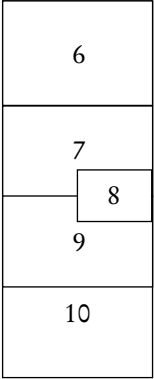
Considerando agora a ciência moderna, podemos nos perguntar onde efetivamente estão esses limites, pois a cada descoberta abrem-se novos mundos de pesquisa. O ser humano habita apenas uma ínfima parte do universo, então até onde vai o seu limite? E onde começa o caminho para chegar a Deus? Com seu conhecimento da criação dos fenômenos, com todas as suas promessas de um futuro feliz, o homem já atingiu o extremo limite das possibilidades de sua personalidade, ou seja: a barreira que seus cinco sentidos lhe impõem. Portanto, para transpor esse limite, é necessário haver um novo sentido, que não pode se desenvolver a partir dos cinco já conhecidos.

Como um planeta que chega ao fim de sua órbita elíptica para um novo início, assim também a humanidade tem de chegar aos limites das possibilidades

de sua personalidade para chegar ao conhecimento de seu ser. O resultado disso é que o homem em geral deve estar sempre sob pressão, almejando outras possibilidades; mas onde existe pressão há também a contrapressão. A consciência do corpo também se acha sob pressão, e pode se sentir prisioneira no tempo e no espaço. O ser humano vive num campo de tensão entre dois pólos, e é arrastado de um para o outro como um barco na tempestade. Isso dura até o momento em que ele não pode mais suportar, mas ainda há outros dois pólos: o da natureza divina original e o da natureza humana comum, e ele também oscila para lá e para cá entre os dois.

Quando toma consciência disso, ele também pode compreender qual é o objetivo de sua vida. Mas, imediatamente, surge a luta para alcançar esse objetivo. Para uns, ela se passa na matéria; para outros, no Espírito. Entretanto, nos dois casos, é preciso renunciar a alguma coisa. No primeiro caso, às restrições impostas pelo sangue, pela educação e pela instrução: na maioria das vezes um combate exterior. No segundo caso, ao estado de ser humano comum: um conflito interior.

As duas almas do homem são incompatíveis, pois uma delas busca a segurança na natureza e a outra aspira pela luz divina. Alguns contos utópicos, como *Nova Atlântida*, comparam o homem com um espelho, para mostrar como são irracionais as aspirações terrestres; e que elas é que são utópicas e não o estado de vida ideal tratado como tal. Então, o homem pode se desviar de suas utopias pessoais e descobrir a única realidade, que permanece oculta em cada coração humano.



P31: 6-Planta da Casa de Deus na cidade da Luz. Frederik van Eeden. Desenho de J. London, 1921.  
7-Planta de um conjunto de prédios para acomodar a comunidade de Robert Owen, por volta de 1826.  
8-A Segunda Maravilha do Mundo: as Pirâmides do Egito, J.B.Fisher von Erlach, 1737.  
9-Renova, em Bilthoven, Holanda, outrora Elckerlyc, da Comunidade de trabalho do mesmo nome, do arquiteto H.Th. Wijdeveld, 1934.  
10-Centro de Conferências em Birnbach, Alemanha, que tem o mesmo nome da Christianopolis de Johann Valentin Andreae (1619).

# O PROGRAMA DA ACADEMIA PLATÔNICA DE FLORENÇA

*Sem as atividades da Academia platônica, seria difícil compreender a essência e a amplitude do impulso do século XV para uma renascença dos antigos valores. Erasmo escreveu que esse novo movimento espiritual, que surgiu no decorrer dos anos em toda a Europa, voltava-se para a origem da religião, da cultura e da ciência.*

A chamada “Renascença” foi o resultado de um forte impulso espiritual. Esse impulso provinha de um grupo de homens totalmente diferentes, mas igualmente inspirados, que levaram a cidade-estado de Florença a um florescimento espiritual. Graças aos Médicis, rica família de mercadores, os grandes em espírito, como Ficino, Landino e Poliziano, tiveram condições de realizar suas idéias. Com esse apoio, toda a sabedoria tradicional do mundo conhecido na época pôde ser compartilhada, formando assim quatro bibliotecas – entre outras – com um tesouro em conhecimentos com os quais Ficino e seu círculo puderam trabalhar.

Quando os turcos se apoderaram de Constantinopla em 1453, muitos gregos fugiram para a Itália, entre os quais Gemistos Plethon, considerado por muitos de seus contemporâneos como uma encarnação de Platão. Suas conferências sobre a filosofia de Platão impressionaram tanto Cosme de Médicis, que ele pediu para Marcílio Ficino (1433-1499) que aprendesse o grego antigo para poder traduzir os escritos originais. Contudo, Ficino não tinha a intenção de confrontar os ocidentais com Platão e outros filósofos clássicos, e

preferiu fundar uma escola semelhante à de Pitágoras em Creta e à de Platão em Atenas. Somente aqueles que traziam consigo o Espírito como prática de vida e desejavam assim transmitir esse tesouro às almas anelantes tinham acesso a essa escola ou academia.

Ficino traduziu então as obras de Hermes Trismegistos, de Pitágoras, de Orfeu e de Zoroastro, e no momento em que seu conteúdo foi conhecido, muitos dogmas correntes mostraram-se insustentáveis e supérfluos. Ele mostrou que, para levar os homens à compreensão, o Espírito Santo se manifesta sob miríades de formas. “*Por sua teimosia e*

*Em primeiro lugar, “Renascença” significa “nascer de novo”. Em segundo lugar, é um termo cultural e histórico que se refere ao reflorescimento da cultura e da arte, que se diferenciou dos períodos precedentes essencialmente pela revivificação de antigos valores culturais. Em terceiro lugar, é o nome atribuído, desde 1855, ao período cultural e artístico que começou na Itália no século XV, e que se caracterizou pela emancipação do indivíduo, e pela secularização de muitos valores científicos e artísticos, sob a poderosa influência da admirável civilização grega e do conhecimento que deu origem ao Humanismo. Na Itália, ela durou todo o século XVI. Em outros lugares, ela durou mais tempo: na Holanda, por exemplo, até o século XVII. A Renascença deu origem ao Barroco, que se desenvolveu a partir do século XVI.*





*obstinação, o homem faz julgamentos, definições e críticas sobre o ser de seu Criador; e com isso ele repele o Espírito divino e não o pode mais perceber”.*

#### AS BELAS ARTES NA ACADEMIA

Ficino se correspondia com importantes sábios e soberanos da Europa, para propagar o impulso regenerador. Em outros países, imitando o modelo da Academia, outras Escolas também foram fundadas. Na Alemanha, a instituição *Sodalitas Celtis* tinha como membros principais: Konrad Celtis, Trithemius, Agrippa von Nettesheim e o pintor Mathias Grünewald. Johannes Reuchlin também foi um correspondente de Ficino, e fundou a *Academia Platonica* em Heidelberg, na qual o Círculo de Tübingen, Tobias Hess e os rosacruz se reuniam.

Ficino não era um filósofo alheio a este mundo. Ele não se interessava por

idéias novas e antigas – mas, antes de tudo, pela forma mediante a qual essas idéias poderiam ser expressadas. Nessa época, a Academia contava com um certo número de artistas plásticos importantes, como Michelangelo. “O sentido da arte plástica está, principalmente, em poder fazer a alma lembrar-se de sua origem. Ela tem condições de criar uma imagem dessa origem como se fosse verdadeira”. A grande influência desse grupo progressista sobre o pintor Alessandro Botticelli (por volta de 1440-1510), por exemplo, é evidente em quatro de seus mais importantes quadros. Três desses quadros foram executados para a família Médicis e o quarto, para Vespucci. Simonetta Vespucci posou como modelo para o rosto de Vênus em seu quadro *O nascimento de Vênus*. Os quadros *Primavera* e *Minerva e o Centauro* estavam pendurados um ao lado do outro na residência dos Médicis. É verdade que seus temas se voltavam para a Antiguidade, mas tinham uma inspiração toda própria. Ficino dava muita

*O nascimento de Vênus, Botticelli, 1485. Galeria degli Uffizi, Florença.*

*Num inventário de 1472, descoberto recentemente, consta que o quadro Minerva e o Centauro de Botticelli era conhecido naqueles dias com o nome de Camila e o Centauro. Ele ficava sobre uma porta no palácio de Lorenzo di Pierfrancesco, e essa porta tinha também Primavera de um lado e o Nascimento de Vênus do outro. Camila era uma amazona tirada da Eneida de Virgílio. No tempo de Botticelli, ela era um símbolo de castidade e de modéstia muito utilizado, e aqui, de forma muito apropriada, coloca-se em oposição à lubricidade do Centauro.*

atenção às dissertações astrológicas de Platão, e considerava os planetas e as constelações como uma linguagem na qual o plano divino de salvação para o mundo e a humanidade podia se expressar. Botticelli adotou inteiramente esses conceitos, e trouxe a “linguagem celeste” para suas composições.

#### VÊNUS SIMBOLIZA A FORÇA DO AMOR DIVINO

Em 1485, Botticelli pintou *O nascimento de Vênus*, em homenagem ao seu mecenas. Como este último nasceu em 19 de outubro, Botticelli escolheu o signo de Libra como estrutura para sua composição, e o signo de Libra é regido pelo planeta Vênus. Essa pintura mostra Vênus de pé sobre as ondas do mar, rodeada pelos ventos primaveris Zéfiro e Charis. Nesse quadro, Botticelli ten-

tou expressar a força curadora do Amor Universal, que, para ele, era refletida e irradiada por Ficino.

Vênus é habitualmente representada como a deusa que desce do mundo dos deuses para mudar o que se opõe ao desenvolvimento espiritual do homem. Botticelli a coloca rodeada pelas forças naturais criadoras e geradoras. Ela traz harmonia e, com isso, restabelece a unidade da cabeça e do coração, que se perdeu com a Queda. As forças da natureza, aqui representadas por ventos, conduzem a deusa do mar para a terra e a acolhem. Nessa composição, Vênus está ereta, vertical, símbolo da força vertical que desce, enquanto que as forças naturais voltam-se para a horizontal. Dessa maneira, as duas linhas formam uma cruz.

#### A DEUSA DA SABEDORIA E O CENTAURO

As duas figuras do quadro *Minerva* (ou Camila) e *o Centauro* são extraídas da mitologia grega, mas na pintura de Botticelli elas parecem se referir ao futuro. Para os gregos, a arma do Centauro é uma clava, mas Botticelli escolheu um arco e uma flecha para ele, como alusão à constelação de Sagitário. Minerva representa a Virgem divina: sua cabeça, seu peito e seus braços são decorados com ramos de murta, planta que pertence a Vênus-Afroditê, deusa do amor. A cor verde, colocada no lugar de sua couraça e de seu capacete antigos, simboliza as núpcias sagradas – pois foi um casamento o que motivou a realização dessa pintura.

Provavelmente, Botticelli aqui tam-

bém se refere às constelações de Virgem e Sagitário. Virgem, assim como Gêmeos, é um signo regido pelo planeta Mercúrio. Gêmeos e Sagitário são signos opostos. Isto significa que o Sol, em seu caminho pelo zodíaco, leva a metade de um ano para ir de um signo ao seu signo oposto. A oposição de Virgem e Peixes cruza em ângulo reto o eixo da oposição de Gêmeos com Sagitário, e o Sol leva então um ano para fazer uma volta completa. Em seguida, o pintor reúne Minerva e o Centauro no signo de Peixes.

Na fina vestimenta transparente de Minerva, figura o braço dos Médicis: três argolas presas umas nas outras,

com uma pedra verde, em forma de pirâmide, sobre um quadrado. Minerva veste uma capa verde, e a cor de seus cabelos lembra o cobre, metal que se encontra sob Vênus. Botticelli não representou Minerva como uma deusa da guerra, mas sim como a deusa da sabedoria, a qual é mudada e levada a um plano superior através do aspecto – Vênus. Plena de amor, ela liberta o homem do estado animal do Centauro.

A Academia de Platão em Atenas.



# A ARTE NO PERÍODO DA RENASCENÇA.

*O impulso espiritual que movimentou a Itália por volta de 1350 durou cerca de três séculos e perturbou as culturas de muitos países europeus. Graças à invenção da imprensa, as descobertas e as outras invenções tiveram uma grande divulgação.*

As tentativas para conciliar a visão da vida às normas e valores de um longínquo passado humanista; o início da denominada pesquisa científica; e em seguida a revivificação de práticas heréticas, mágicas e ocultistas; tudo isso dá apenas uma pálida imagem do inacreditável esforço para alçar o homem europeu a um nível mais elevado. Não foi por acaso que textos tão fundamentais quanto o *Corpus Hermeticum* e *Os Versos Áureos* de Pitágoras foram recuperados e traduzidos então.

Aqui, a palavra “cultura” não diz respeito apenas ao lado exterior da vida, mas para os precursores desses movimentos, tratava-se da renovação do ser humano e de sua compreensão concernente a si mesmo e ao mundo no qual ele vive. Renovação total! Em todas as áreas, e não apenas nos limites da arte, da ciência e da política, o homem também começou a ter outros sentimentos a respeito de si mesmo, de seus semelhantes, do mundo ao seu redor e de toda a criação. Essa nova atitude perante a vida foi a consequência de uma consciência desperta. Mas, com esse alargamento de seus horizontes, o homem também teve a percepção de sua insignificância como ser isolado. O individualismo se desen-

volveu e, com ele, surgiu a necessidade de expressar-se, racionalmente ou não. E, acima de tudo, surgiu o medo do fim do mundo existente.

Para muitos, esses desenvolvimentos foram a resposta à missão espiritual colocada como incumbência para o homem europeu: tornar-se um homem fundamentalmente novo. A base para essa renovação era a prática e o conhecimento incontestáveis da unidade no Universo. Para isso, o homem medieval tinha que se libertar da fé coletiva e aprender a pensar por si mesmo. A consciência que ele tinha de Deus, sempre projetada para o exterior, devia agora se tornar uma consciência interior.

## O NOVO OURO DA RENASCENÇA

Na Idade Média, havia a crença antiga e coletiva de que as miniaturas abundantemente recobertas de ouro representavam uma condição idêntica ao estado áureo do corpo alma do transfigurado. Nos quadros dessa época, os santos eram representados com uma auréola de ouro ao redor da cabeça. Mas com o impulso da Renascença houve uma tentativa para levar o europeu a se desprender de todas essas imagens de santos, e ele foi estimulado a se tornar o mestre de seus próprios pensamentos. Por alquimia interior, o corpo mental individualizado tinha que adquirir um novo ouro. Por transmutação e uma conseqüente transfiguração, o velho pensar podia ser transformado em um novo e áureo corpo-alma: a “veste áurea das núpcias”.



As raízes do impulso da Renascença podem ser encontradas em um passado longínquo. Na época do nascimento de Jesus, já se tinha dado um início, e, aproximadamente 1400 anos depois, seguiu-se um novo impulso. Também por volta do século V a. C., já é visível a introdução dessas mudanças nas tentativas dos gregos em decorar seus vasos com figuras em perspectiva. Mais tarde, essa técnica também foi retomada em Pompéia, onde paisagens e naturezas mortas são tentativas de reproduzir objetivamente a natureza.

#### O HOMEM COMO INDIVÍDUO

Os artistas da Renascença captaram essas impressões de espaço e trouxeram este aspecto para a sua arte até seu

pleno florescimento. O ponto alto foi a arte em perspectiva de Leonardo da Vinci, no período entre 1480 e 1500. A imagem plana da Idade Média foi substituída pelo mundo tridimensional, onde o homem é confrontado com ele mesmo como indivíduo.

O espaço exterior colocado em perspectiva fez o contraste com o mundo interior: a própria alma foi descoberta. O espaço interior da alma foi expresso, por exemplo, nos poemas líricos, nos quais os trovadores reproduziam situações pessoais. A arte musical dos trovadores teve um papel preponderante entre os Cátaros do sul da França. Na música coral também surgiu essa noção de espaço: na Idade Média só se cantava em uníssono, mas, na Renascença, surgiu a polifonia nos coros. O Canto Gregoriano dá a impressão de algo plano, superficial, enquanto que os acordes de

Marte faz a corte a Vênus, afresco em perspectiva da villa de Marcus Lucretius Fronto, Pompéia, 30 d.C.



Afresco sem  
perspectiva de  
Florença.

vários sons em alturas diferentes do canto polifônico sugerem a sensação de espaço.

Esse desenvolvimento espacial na música atingiu mais tarde seu ponto culminante nas orquestrações românticas e pós-românticas, onde os compositores pintavam suas paisagens musicais com largos compassos. A *Sinfonia dos Alpes*, de Richard Strauss, e a *Oitava Sinfonia*, de Gustav Mahler, são bons exemplos disso. O maestro alemão Wilhem Furtwängler (1886-1954) escreveu a esse respeito: “A música foi elaborada dentro da dimensão do tempo. Antes da Renascença, tudo se mantinha em um mesmo nível, portanto, a música não tinha vo-

lume. Entretanto, as cadências tonais tinham relação com o mundo oculto, mas adquiriram uma dimensão espacial desconhecida até então. Portanto, não é impróprio que se compare o aparecimento da tonalidade na música com a descoberta da perspectiva. E o tempo no qual essa música é tocada é como o espaço no qual as imagens da arte tridimensional são colocadas. A descoberta da tonalidade e da perspectiva ocorreu graças à mudança de atitude diante da vida”.

Com a noção de tonalidade, Furtwängler se refere às escalas diatônicas dos modos maior e menor, que, após a Idade Média, substituíram os tons usuais. O sistema de escalas maiores e menores liga todos os intervalos dentro de uma oitava à tônica – como numa imagem em perspectiva, onde todas as linhas convergem para o ponto de fuga\*. Graças a esse sistema, as diferentes melodias de uma composição harmônica são ligadas entre si sobre uma base de valores numéricos. *Mariamis*, do compositor holandês Jacob Obrech (1450-1505) dá um prático exemplo dessa técnica. De acordo com as pesquisas, constatou-se que nenhuma nota dessa composição foi escrita sem cálculos aritméticos. Uma maneira racional de compor. O ouvinte não percebe essa intenção matemática. Os motivos musicais são magníficos. Aqui, o intelecto não sofreu nenhuma influência do processo de criação musical. Atualmente isso ainda é praticado, mas as opiniões são bastante divergentes quanto aos resultados.

#### A INFLUÊNCIA DA MATEMÁTICA SOBRE AS ARTES PLÁSTICAS

Na Idade Média, a música fazia parte, junto com a aritmética, a geometria



## DESCOBERTA DA LIGAÇÃO ENTRE ESPAÇO E TEMPO

Francesco Petrarca (1303-1374), poeta, sábio e humanista italiano, escreveu que, estando no topo de uma montanha, ficou maravilhado pela paisagem que se oferecia a ele: *“As nuvens estavam aos meus pés [...] Olhei em direção à Itália, mas era bem mais minha alma do que meu olhar que ia nessa direção [...] Devo reconhecer que procurei, até o momento em que percebi o céu acima daquele país [...] E então fui apanhado por um novo pensamento, que do espaço me fez retornar para o tempo [...] E meus olhos se saciaram, e eu voltei meu olhar para o interior de mim mesmo.”* Essa experiência marcou a vida de Petrarca, quando *“o espaço invadiu sua alma”*. Como ele mesmo escreveu, isso lhe *“fez muito bem, assim como para outros.”*

e a astronomia, do chamado *quadrivium*, as quatro artes superiores relacionadas com as sete ciências e artes liberais. A pintura, a escultura e a arquitetura eram consideradas como simples ofícios. A música geralmente era baseada em números. Os intervalos

musicais reproduziam proporções matemáticas, e frequentemente mostravam uma relação direta com as constelações e os movimentos dos planetas. Durante o desenvolvimento da Renascença as Belas Artes também receberam uma estrutura matemática. Michelangelo Buonarroti (1475-1564) e Leonardo da Vinci (1452-1519) pesquisaram as medidas do corpo humano para descobrir o segredo da beleza.

No terreno da arquitetura, aplicam-se novamente os ensinamentos do construtor Vitrúvio, que trabalhou para os imperadores César e Augusto e também baseava suas construções em proporções numéricas. Entre 33 e 14 a.C., ele escreveu uma obra em dez volumes sobre arquitetura: *A arquitetura*, que contém elementos de valor inestimável para os arquitetos e artistas, que posteriormente se inspiraram nela amplamente. Para cada comprimento, largura e altura de um edifício, Vitruvius utilizava um número múltiplo de uma medida básica. Segundo os cálculos dos arquitetos D. Davidson e H. Aldersmith, realizados em 1910, um método de construção semelhante também foi aplicado à Grande Pirâmide de Gisé. Além do mais, na Renascença, as mentalidades mais esclarecidas se aplicaram para tornar as habitações mais alegres. As grandes salas do impressionante palácio ducal de

Retratos de Petrarca (à esquerda), Dante e Giotto. Benozzo Gozzoli, 1452.



Urbino (Itália) dão um magnífico testemunho disso. Todos os filósofos gregos conhecidos estão representados na célebre pintura de Rafael, *A escola de Atenas*. Nela, Pitágoras segura em sua mão uma folha, na qual está inscrita a série de números da misteriosa *tetraktys* (o número 10 formado pela soma dos quatro primeiros algarismos), Com ela pode-se determinar a posição dos planetas e o intervalo dos sons. Albert Dürer (1471-1528) também estudou essas relações numéricas, pensando que, dessa maneira, chegaria a descobrir o segredo da beleza, e que poderia expressá-la sob a forma de números. Dessa forma, na época da Renascença, a arte foi uma forma do homem manifestar seu desejo de explorar e conquistar o espaço dentro de si e ao seu redor. A simbologia medieval foi substituída pela realidade tridimensional, e as Grandes Navegações podem ser consideradas em relação direta com a descoberta da perspectiva.

#### MEDO DO DESCONHECIDO

Para os europeus no limiar de uma nova era, as grandes mudanças de valores e normas vigentes geralmente parecem ameaçadoras. Sistemáticamente, estes novos acontecimentos suscitam grande pânico, psicose coletiva e fantasias exacerbadas a respeito do fim do mundo. De fato, não há nada de novo debaixo do sol. Mas agora, não é só a Europa que deveria lamentar seu passado, mas toda a humanidade. A humanidade inteira está diante e em meio a grandes mudanças, e também agora, isso acarreta ondas de exaltação religiosa, de angústia, de lutas fratricidas, suicídios e de destruições.

Graças a sua abordagem matemática, a arte não somente chegou à pers-

#### A ARTE REAL DA CONSTRUÇÃO

*“Esses homens livres, ou novamente libertos, estão, na realidade, de posse de suas faculdades e forças naturais, enquanto que nós, em nosso estado atual, somos sub-humanos. O caminho de retorno, o renascimento gradual de nossa natureza divina original, é um desenvolvimento gnóstico conhecido pelo nome de ‘ars magica’ – arte mágica – ou de ‘reconstructio’ ou de ‘Arte real’.”*

*Filosofia Elementar da Rosacruz Moderna, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum. São Paulo.*

pectiva perfeita, como também atingiu um ponto alto. Embora tenha sido iniciada de forma positiva, centralizou-se na matéria, fazendo com que a arte se voltasse para si mesma. Não foi por acaso que o pânico que ocorreu na Renascença italiana veio à tona no momento em que a consciência mental atingiu seus limites. Todos os estudos de perspectiva de Leonardo da Vinci, em 1480, enfatizaram esse ponto. A partir desse momento, o homem deveria ser capaz de seguir o chamado original: de homem mortal a Alma imortal; e em seguida, de Alma imortal a Alma-Espírito onisciente.

Entretanto, a partir desse ponto alto da Renascença, as coisas seguiram outro rumo: o pensamento pendeu para o racional. O pensamento individual não se colocou a serviço da alma, mas se consagrou a ocupações sem alma - tais como: repartir, medir, contar e dividir - para acabar no fracionamento sem fim e no caos racional dos tempos moder-

nos. Mas então, será que o chamado da Renascença – o princípio do renascimento interior – não foi compreendido? Quantos não se agarraram ao mundo material tridimensional? Então a etapa seguinte já não deveria ter sido realizada há muito tempo?

A civilização da Grécia antiga era considerada um mundo de medidas ideais. Após a onda de mudanças da Renascença, esse “mundo ideal” escoregou, de um lado, para a ciência atômica; e de outro lado, exauriu-se nas três dimensões, nas quais a humanidade pode se expressar. Quando o pensar da cabeça se religa ao pensar do coração, é possível um desenvolvimento positivo e libertador, mas se a união da cabeça com o coração for quebrada, e se essa ruptura for considerada como ideal e for cultivada – como ocorreu no desabrochar da Renascença – o resultado é o endurecimento, o obscurecimento e a cristalização do espírito humano.

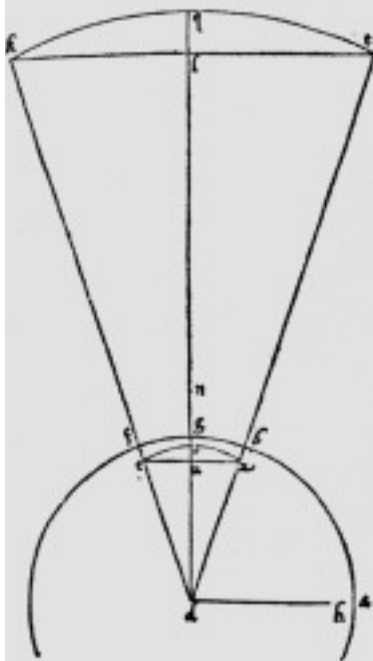
## SUPRESSÃO DE TEMPO E ESPAÇO

Com relação à época atual, podemos nos perguntar quando chegará o tempo em que o homem já terá ultrapassado seus medos, não estará mais agarrado à matéria e escolherá a Alma imortal como objetivo de vida. O espaço está sendo mais explorado do que nunca, mas aparentemente seus limites continuam inalcançáveis. Os meios utilizados para explorar o universo são ultrapassados a cada nova descoberta. As técnicas se sofisticam cada vez mais, e a ciência não descobre o limite entre o tempo e a eternidade. Será que isso já não era de se esperar?

Mais ou menos em 1970, descobriram-se os primeiros buracos negros na Constelação de Cisne, o que deu ao homem a consciência dos limites entre



...monstracionem, me multiplicemur de ...  
...secunda figura a b g: & centrum d: & estuda ...  
...a figura: & d o æquans d o in prima figura: & d q ...  
...trahamus super d q perpendicularem super su ...  
...in prima figura. Angulus ergo h d q erit rectus: ...  
...rit ex circulis, ex quibus forma punctorum o, u ...  
...d q, æqualis arcui a g in primo circulo: [per 13 p ...  
...uobus puncta n, q æqualiter. Erit ergo q imago o, & ...  
...neam in superficie circuli a b g, super lineam d u ...  
...d o faciamus arcum circuli: secabit ergo li-



...proportionem d ad d u: ergo linea l est maior ...  
...imago u: & duo puncta e, k sunt imagines z, n. Et ...  
...puncta t m k: & linea, que transit per hec puncta, ...  
...realis concavis quandoque videtur concavata

Estudo em perspectiva de um cálice, Paolo Puccello (1396-1475).

A perspectiva segundo o matemático Alhazen, por volta de 1.000 d.C.

o espaço e o tempo, e de que o universo é finito. Ao mesmo tempo, deixou-o intrigado com “o que haveria por detrás”. O *Confessio da Fraternidade Rosacruz*, de 1615, menciona um “grande sinal de Deus na Constelação de Cisne”.

O impulso da Renascença colocou o homem de então diante do espaço. O impulso dos tempos atuais coloca toda a humanidade diante da superação do espaço e do tempo. O tempo está se acelerando, e o ser humano foge entregando-se à autoridade e/ou ao pânico. Ele não quer perder nada e, acima de tudo, quer estar presente em todo lugar, e se deslocar não importa para onde, e o mais rapidamente possível, permanecendo acessível a todos. É uma fuga constante de si mesmo: ele vai de um evento a outro como quem muda de canal, através de uma vida realmente agitada.

Também na arte moderna, o homem tenta representar o tempo como uma dimensão, a fim de poder escapar do espaço. Na música atonal, por exemplo, a supressão da dualidade dos modos maior e menor é uma tentativa de se ultrapassar o espaço, pois a igualdade das doze notas faz desaparecer o ponto de fuga do espaço musical – como, por exemplo, no conjunto de composições de Schönberg. Isso torna as composições fragmentadas e caóticas. Com estruturas polirrítmicas, ou de grupos sonoros fixos, o compositor tenta romper a rigidez da métrica e “libertar o ouvinte do tempo”.

Na arquitetura, a utilização de materiais transparentes e a passagem abundante de luz supostamente afastam os limites do espaço. Elementos de construção móveis e ágeis fazem o mesmo com relação ao fator tempo.

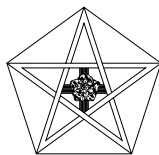
Também a pintura do século XX dá inúmeros exemplos desse “tornar o espaço transparente” com o auxílio do fator tempo. Picasso, por exemplo,

pintou rostos ao mesmo tempo de frente e de perfil. O cubismo fez desaparecer o espaço utilizando formas esféricas.

A quem nos leva isso tudo? Será que o homem poderá transpor os limites do espaço e do tempo? A arte sempre reflete a busca do homem, levanta questões sobre o como e o porquê da existência humana, tenta compreender e mostrar as coisas em associação umas com as outras, mas, quando o tempo e o espaço desaparecerem, também não haverá mais arte. Entretanto, por detrás dos limites de espaço e tempo, encontra-se uma realidade totalmente outra. Aquele que alcança esses limites, e está pronto para largar tudo o que acumulou durante sua busca, encontrará o alvo fora dos limites de espaço e tempo.

Todos poderão chegar a esse ponto. Aquele que busca e encontra era chamado de Cristão Rosacruz pelos Rosacruzes clássicos. Ele era e é o protótipo do homem que se libertou da prisão do espaço e do tempo, que triunfou sobre seu eu – o produto do espaço e do tempo. Todo aquele que encontra os limites em seu próprio ser pode compreender o chamado desse protótipo e segui-lo. Pode se tornar um Cristão Rosacruz. O processo que leva da renovação da alma até a Alma Imortal é o método pelo qual a cruz do espaço e tempo pode ser quebrada. Esse método só pode ser seguido sobre a base do núcleo divino no coração, atrás dos limites do espaço e do tempo.

\*N.T. ponto de fuga: ponto para o qual convergem todas as linhas de um desenho em perspectiva



*“O desenvolvimento da humanidade ocorre em grandes e pequenas ondas, e cada uma delas coloca em evidência determinado aspecto. Assim, o impulso espiritual que conduziu à denominada Renascença tinha como finalidade a renovação integral do homem europeu e de seu objetivo de vida.”*

*(A encenação do novo homem, p.6)*